



O MATERIAL DIDÁTICO E SEU PODER DE TRANSFORMAÇÃO

Como o Programa Nacional do Livro e do Material Didático democratiza conteúdos e impacta a vida de milhões de famílias brasileiras

TECNOLOGIA

Visita guiada
ao Metaverso

DIVERSIDADE

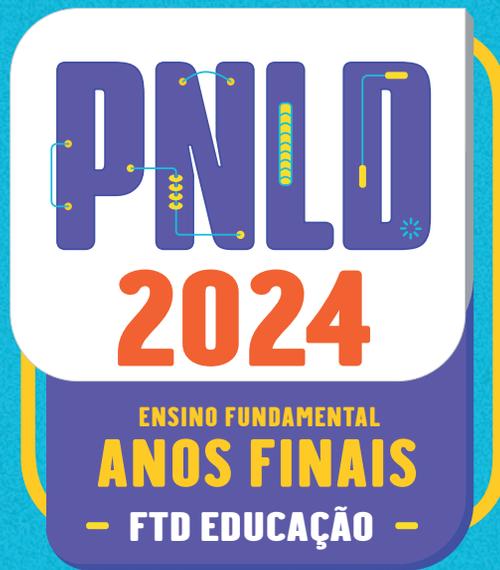
Uma educação que respeite
todas as culturas.

FORMAÇÃO

Parcerias que capacitam
professores para inovação

CONFSSIONAL

A Campanha da Fraternidade
em sala de aula



BNCC

OBJETO 1

Conheça as coleções da FTD Educação

Para facilitar a sua atuação, temos diversas coleções disponíveis para escolha, com materiais didáticos e recursos digitais que formam estudantes cidadãos do mundo, preparados para construir o próprio caminho.

O que compõe o Objeto 1

Estudante

- Livro impresso
- Livro digital-interativo



Professor

- Manual impresso
- Manual digital-interativo



CONHEÇA AS COLEÇÕES

- ✿ Materiais que impulsionam a aprendizagem dentro e fora da sala de aula.
- ✿ Tópicos teóricos trabalhados com base em situações do cotidiano.
- ✿ Valorização da diversidade e da pluralidade da cultura brasileira.



Saiba mais sobre
as coleções no site.

Acompanhe a **FTD** nas redes sociais.



Facebook: /ftdpnld



Instagram: @ftdpnld

FTD
educação

O PNLD E A IGUALDADE NO PROCESSO EDUCACIONAL

“Oh! Bendito o que semeia / Livros à mão cheia / E manda o povo pensar!”. Este é um dos versos do poema *O livro e a América*, que integra a obra *Espumas Flutuantes*, única editada em vida, no ano de 1870, pelo poeta brasileiro Castro Alves (1847-1871).

A força, o fascínio e o poder relacionados a essa ferramenta educacional, seja ela didática ou literária, são os motivadores de uma reportagem especial sobre a segunda maior iniciativa do mundo de distribuição gratuita de títulos a estudantes – atrás apenas da realizada na China: o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Com 85 anos de história e uma capilaridade que alcança toda a rede pública do território brasileiro, a operação mobiliza o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), editoras e docentes, responsáveis pela escolha, com total autonomia. “Ter um material didático de qualidade é uma ferramenta de equidade no ensino”, ressalta a coordenadora da ação, Nadja Cezar.

Ainda sobre a busca por um processo educativo mais igualitário e inclusivo, a edição traz a realidade e o dia a dia da Escola Municipal Quilombola Águas do Velho Chico, localizada na pequena Orocó (PE), com uma reflexão sobre os desafios para oferecer aos estudantes um ensino que respeite suas particularidades culturais.

Uma novidade nas próximas páginas é a editoria sobre ensino confessional, que traz notícias e artigos relacionados ao segmento, com relação intrínseca com a história da FTD Educação, como a abordagem e as aplicações práticas dos temas da Campanha da Fraternidade 2023.

A inovação nos processos pedagógicos está em duas matérias que vão abordar os caminhos para implementar as jornadas disruptivas em sala de aula e, também, as possibilidades, já existentes, de exploração do Metaverso no ensino.

Por fim estão as experiências de formação continuada de docentes provenientes de parcerias que estão dando certo, com renovação na carreira e bons resultados, em trabalhos como Pequenos Leitores, que capacita os educadores a introduzir a leitura já na primeira infância.

A revista traz uma declaração de amor aos livros e a todas as consequências transformadoras que eles são capazes de proporcionar na vida das famílias brasileiras. Além de evidenciar todas as etapas existentes no processo, que dão excelência e credibilidade ao programa.

Boa leitura. Equipe Educacional

revista
MUNDO ESCOLAR

Equipe de trabalho FTD Educação

Ricardo Tavares
Cintia Cristina Bagatin Lapa
Roberta Campanini
Elaine Castello (Curadoria de Conteúdo)
Clayton Luiz Ferreira de Oliveira
Tammy Ingrid da Silva

Realização:

Editor:
Edimilson Cardial
Repórter:
Marcelo Daniel
Projeto gráfico e diagramação:
Débora de Bem
Gerente de publicidade:
Margarete Rios Silva



A revista **Mundo Escolar** é uma publicação trimestral da FTD Educação, produzida pela RFM Editores com conteúdo exclusivo para seus leitores. Distribuição gratuita.

Impressão:

FTD | GRÁFICA & LOGÍSTICA
educação

FTD Educação

Rua Rui Barbosa, 156 - Bela Vista - São Paulo
CEP 01326-010 - www.ftd.com.br



6

- 6** PNLD: milhões de livros de qualidade e gratuitos para todos
- 14** Sensibilizar e conscientizar o estudante para problemas da sociedade
- 21** A educação e o metaverso estão cada vez mais próximos
- 26** “Perceber rejeição da sala é devastador para o professor”
- 36** Espaço *high tech* não garante a aprendizagem
- 40** Preparar educadores com criatividade e inovação
- 46** Uma educação ao alcance de todos



PNLD:
milhões de
livros de
qualidade
e gratuitos
para todos

**Uma das maiores
operações de
distribuição de
obras didáticas e
literárias do mundo,
possibilidades e
ganhos pedagógicos
de um programa
dessa proporções**







Quando as amostras de livros (em formatos físico e on-line) chegam até à Secretaria Municipal de Educação da cidade de Lins, no interior de São Paulo, é hora de organizar uma dinâmica que eles tratam como Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo, da sigla HTPC.

Nesse momento, um núcleo local que compreende supervisão e professores da rede, separados por cada segmento presente no educacional de uma cidade com cerca de 78 mil habitantes, se reúne para avaliar o conteúdo e, a partir daí, formalizar uma ata de escolha. Os títulos ali selecionados fazem parte do Programa Nacional do Livro Didático, o PNLD, que tem por objetivo a avaliação e distribuição de obras para a prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, para as escolas de educação básica das redes federal, estaduais e municipais.

É considerada a segunda maior iniciativa de distribuição de livros didáticos, pedagógicos e literários do mundo – perde apenas para a realizada na China, que em 2020 abrigava impressionantes 289 milhões de estudantes.



Gomes: PNLD traz liberdade de escolha e diversidade

Divulgação

“Uma das particularidades de nossa rede é a de registrar, durante o ano letivo, uma grande rotatividade de famílias que se mudam pelos bairros, fazendo com que os alunos tenham uma alta taxa



OS TRÊS OBJETOS DO PNLD 2024

Objeto 1

Coleções didáticas organizadas por componente curricular e nas versões impressa e digital-interativa, tanto do livro do estudante quanto do manual do professor.

Objeto 2

Contempla as coleções de Recursos Educacionais Digitais (REDs), organizadas também por componente curricular, mas apenas em versão digital-interativa, destinada a estudantes e professores: Projetos Integradores sobre os temas Saúde e Educação Socioemocional, Educação Ambiental, Educação Tecnológica e Digital, Cidadania e Civismo; Projetos de Vida sobre os temas Autoconhecimento: o encontro consigo, Expansão e exploração: o encontro com o outro e com o mundo, Reconhecimento: o encontro com o futuro e com o nós; e, também, Planos, Sequências, Avaliações e Itens de Avaliação.

Objeto 3

Contempla as obras literárias em Língua Portuguesa e na Língua Inglesa, nas versões impressa e digital em duas categorias:

Categoria 1 (6º e 7º anos) com os temas: Autoconhecimento, sentimentos e emoções; Família, amigos e escola; O mundo natural e social; Encontros com a diferença; Diálogos com a história e a filosofia; Aventura, mistério e fantasia; Cultura tecnológica e digital no cotidiano do adolescente; Migração nacional e internacional na adolescência.

Categoria 2 (8º e 9º anos) com os temas: Cultura tecnológica e digital no cotidiano do adolescente; Conflitos da adolescência; Encontros com a diferença; Sociedade, política e cidadania; Diálogos com a história e a filosofia; Ficção científica, mistério e fantasia; Migração nacional e internacional na adolescência.

Fonte: Livro digital *Principais informações sobre o PNLD 2024*, produzido pela FTD Educação

de transferências”, aponta a integrante do Núcleo Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação e, também, coordenadora-adjunta do Guia Digital do PNLD na localidade, Karina Gomes. “Por isso temos a estratégia de a escolha ser discutida entre todas as unidades escolares pois, mesmo transferido, o livro selecionado acompanha o estudante, sem prejuízo para a aprendizagem”, diz.

COMO FUNCIONA O PNLD

São diversas as etapas que compõem os processos de escolha dos títulos. O primeiro passo está na publicação do edital que convoca para a inscrição de obras, a partir do estabelecimento de critérios técnicos e prazos.

Cabe ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) disponibilizar o Guia do PNLD, material oferecido às escolas, com acesso às resenhas e demais informações, organizados por disciplinas ou áreas do conhecimento.

Com isso, diretores, coordenadores e professores se reúnem para escolher as obras que sejam

mais adequadas ao projeto pedagógico da escola, conforme a cena descrita no início deste artigo.

A escolha deve ser formalizada por meio de um sistema disponibilizado pelo FNDE para que ele negocie com as editoras a reprodução e a distribuição dos itens escolhidos.

Todo esse processo é acompanhado pela comissão técnica do programa, que busca garantir a qualidade dos materiais. Com tudo certo, as obras são distribuídas diretamente às escolas pelo FNDE e pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), antes do início do ano letivo.

No momento de a escola definir quais obras aprovadas desejam adotar, levam em consideração se os conteúdos, as pautas e os temas propostos atendem ao projeto pedagógico da instituição.

O Guia do PNLD traz todas as informações necessárias a respeito das obras aprovadas e que vão auxiliar no processo de escolha. Além disso, o edital também disponibiliza uma série de critérios sobre as coleções a fim de nortear as instituições nesse momento, pois é imprescindível

A FTD E O PNLD

Falar da relação entre livros didáticos e FTD Educação é tratar de uma tradição de mais de 120 anos – a primeira obra do gênero produzida pelos Maristas no Brasil data de 1902, com o título *Exercícios de Cálculo sobre as Quatro Operações*, uma tradução assinada pelo Irmão Andrônico, que era diretor de colégios à época.

Desde o Decreto nº 91.542, no ano de 1985, que estabelece um formato para o programa que é mais parecido com o atual, a FTD marcou presença em todos os anos.

O resultado é uma participação maciça no contexto educacional nacional, como ressaltou em postagem nas redes sociais o presidente do Grupo Marista, Irmão Vanderlei Siqueira. “A cada 10 estudantes da rede pública brasileira, praticamente oito utilizam pelo menos um livro da FTD Educação em sua rotina escolar”.



Primeiro guia para escolhas de livro após o decreto de 1985 já tinha obras da FTD Educação

que as expectativas e o planejamento da escola estejam alinhados às propostas do edital pensado pelos órgãos responsáveis.

O PNLD 2024

Destinado aos estudantes do ensino fundamental anos finais (6º a 9º anos), o PNLD 2024 engloba o ciclo que envolve os anos de 2024 a 2027, com seu conteúdo de propostas dividido em três objetos (ver boxe).

Nesse programa, para as obras didáticas e os recursos digitais contemplaram-se os componentes curriculares Língua Portuguesa, Arte, Educação Física, Língua Inglesa, Matemática, Ciências, História e Geografia.

Para as obras literárias, houve o direcionamento para os componentes Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

UMA ESCOLHA QUE ATENDA ÀS EXPECTATIVAS

Na visão de Gomes, um dos grandes desafios dessa equação é fazer as escolhas certas diante da qualidade dos materiais oferecidos. “São livros que sempre atendem às expectativas dos gestores, docentes e alunos. Então é uma seleção em que fazer

a primeira e a segunda indicações exigem estudo, reflexão e critérios bem definidos”, explica.

O caso da cidade de Lins envolve diretrizes elaboradas pelo próprio município, em alinhamento com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo Paulista. “Criar esses padrões de forma coletiva deve ser um ato embasado em boas práticas de construção e nos princípios democráticos, além da análise dos resultados das avaliações e de uma escuta ativa permanente”, elenca.

Para a coordenadora, com o livro em mãos o educador tem um apoio seguro para o planejamento, propõe alternativas pedagógicas, trilha sequências didáticas e inova nas estratégias metodológicas.

“É oferecer ferramentas aos docentes como forma de otimizar o seu tempo, de facilitar estratégias didáticas, de valorizar a prática”, enumera. A professora enaltece, ainda, a junção de aspectos como a qualidade e a credibilidade do programa. “A liberdade de escolha de acordo com a diversidade da comunidade, a riqueza estética, a garantia de autonomia, que respeita a cultura, apresenta coisas novas, com pontualidade, de forma regular e gratuita para todos os estudantes de escolas básicas”, finaliza. 🌐

Operação criteriosa garante qualidade e capilaridade do programa

Os bastidores vivenciados pelo MEC e
FNDE na condução de um dos maiores
programas de distribuição de livros de
todo o planeta

PNLD 2024 prevê cerca de
25 milhões de exemplares
impressos em gráficas de
todo o Brasil



Após algumas semanas tentando uma brecha na agenda, foi apenas em um final de tarde, no último dia de uma semana atribulada no Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), que a coordenadora do Programa Nacional do Livro Didático, Nadja Cezar, concedeu uma entrevista à revista **Mundo Escolar**.

“Acabamos de publicar o resultado dessa etapa do PNLD 2024 e, agora, é o momento de abrir para que as editoras possam formalizar seus recursos e fazer pequenos ajustes para termos, até o final de maio, o resultado final dessa fase”, explica.

Os diálogos com a gestora, que iniciou a carreira como servidora técnica do órgão, são sempre pautados nos prazos e datas que envolvem cada um dos editais. Desde seu ingresso na instituição, em 2008, tinha o interesse em trabalhar com a distribuição das obras em todo o território nacional, o que ocorreu em curto período de tempo. Uma década depois, passou a coordenar a proposta em todo o país.

Para atender às particularidades no calendário escolar de todas as regiões brasileiras, o processo de escolha do material deve ocorrer na última semana de julho próximo.

EQUIDADE

“O PNLD é uma referência para todo o mundo – em um contexto de pandemia, ter um material didático de qualidade é uma ferramenta de equidade no ensino”, orgulha-se a gestora.

Os esforços dos profissionais envolvidos na produção do edital e avaliação tem o objetivo, reforça, de disponibilizar um conteúdo de qualidade

indiscutível, sob rigorosos critérios técnicos, pedagógicos e, até mesmo, materiais.

Quando as editoras já estão produzindo os itens escolhidos, um representante do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), de São Paulo, órgão com mais de 120 anos de história, coleta unidades impressas e avalia o lote em laboratório, vistoriando atributos como gramatura do papel, tipo de cola utilizada, posicionamento do grampo etc.

Cabe ao FNDE garantir a estrutura física e editorial, padrão estético, além dos aspectos legais sobre temas como habilitação para a venda e uso dos direitos autorais de cada tema.

ESPECIALISTAS EM SUAS ÁREAS

“Em um mundo cada vez mais líquido, o PNLD é um material consistente”, ressalta Cezar, reforçando que a equipe que compõe cada etapa é formada por especialistas em suas áreas.

Quando as demandas estão sob avaliação do Ministério da Educação (MEC), são tratadas por

Nadja Cezar: Oferecer material didático consistente, de qualidade indiscutível

“EM UM PAÍS DESIGUAL, TEMOS ESSA CAPACIDADE DE ENTREGAR O MESMO MATERIAL A TODOS, O QUE É UM GANHO GRANDE PARA A SOCIEDADE E, POR MAIS QUE EXISTA A INTRODUÇÃO DE ELEMENTOS TECNOLÓGICOS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA, A MÉDIO PRAZO JAMAIS VAMOS ABRIR MÃO DO LIVRO” – NADJA CEZAR



Divulgação

NÚMEROS DO PNLD 2024

- ✓ 9 milhões de beneficiados (Ensino Fundamental Anos Finais)
- ✓ 25 milhões de exemplares
- ✓ 38 mil escolas (rede pública, zonas rural e urbana, povos indígenas, quilombolas)

professores, mestres e doutores em cada tópico, em uma avaliação de dupla checagem, antes da devolutiva para as editoras, que têm a chance de corrigir eventuais falhas no que foi exigido pelo edital.

Criado em 1937, com o então Instituto Nacional do Livro, por meio do Decreto-Lei nº 93, desde 1985 o programa carrega características que se assemelham aos moldes atuais. Junto a esses pontos, estão números superlativos diante das proporções continentais do Brasil, como seus 9 milhões de estudantes beneficiados, citando apenas nos Anos Finais, com o PNLD 2024 (ver box).

ACESSIBILIDADE E RECURSOS DIGITAIS

Uma ação com as dimensões do PNLD possibilita a aplicação em grande escala, também, de mudanças e tendências tecnológicas.

O Objeto I da edição 2024 prevê as versões tanto impressas quanto digitais das obras para estudantes e professores.

De acordo com a coordenadora, há algumas edições o FNDE busca, gradativamente, modernizar o modelo virtual dos conteúdos, para enriquecer e aproveitar as possibilidades desse formato.

“Nós ouvimos as editoras e suas condições de atendimento desses recursos e, apesar de ainda ser um formato fixo (PDF), já conseguimos oferecer alguns diferenciais como gráficos, pequenas animações e vídeos”, explica.

Do ponto de vista da acessibilidade, Cezar acredita que o programa tem alcançado marcas importantes. “O mercado já evoluiu bastante nesse aspecto e tenho a impressão de que somos hoje uma referência para o mundo em termos de livro acessível”, comemora.



Divulgação

APROVEITAR O GUIA DO PNLD AO MÁXIMO

A orientação difundida pelo FNDE é a de que, cada vez mais, o docente, os gestores e coordenadores, façam o melhor uso do conteúdo oferecido pelo Guia do PNLD – afinal, o professor tem total autonomia para escolher o seu material.

“O guia é uma ferramenta excepcional para o educador, o que ele tem ali disponível funciona como um norte pedagógico, que contribui para a formação de um olhar sobre sua atividade”, pontua.

Enquanto as etapas prosseguem em andamento para a liberação do material referente ao edital para o ano 2024, a coordenadora atua em cada fase das avaliações e análises, ressaltando a importância do livro nessa equação.

“Em um país desigual, temos essa capacidade de entregar o mesmo material a todos, o que é um ganho muito grande para a sociedade e, por mais que exista a introdução de elementos tecnológicos como ferramenta pedagógica, a médio prazo, jamais vamos abrir mão do livro”, conclui. 🌐

FTD Educação participa com obras no PNLD desde agosto de 1985

Sensibilizar e conscientizar o estudante para problemas da sociedade



Campanha da Fraternidade 2023 tem o objetivo de levar para a sala de aula as consequências dos altos índices da fome no Brasil. Entenda qual a melhor abordagem pedagógica

Os Projetos Interdisciplinares nasceram de uma iniciativa da FTD Educação, já há alguns anos, em apoio à Campanha da Fraternidade junto às escolas confessionais. O material é um convite aos docentes para aplicar a melhor abordagem pedagógica em relação ao tema proposto anualmente pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Por exemplo: em Matemática, entender os números e planilhas relacionados ao volume de pessoas em situação de pobreza extrema; em Ciências da Natureza, que os educandos investiguem doenças causadas pela desnutrição. Um assunto em comum permeia essas atividades: a fome.

O excerto acima faz parte de um livro digital que integra essa iniciativa com o tema de 2023: Fraternidade e Fome – “Dai-lhes vós mesmos de comer!”, que foi disponibilizado com o objetivo de dar suporte às instituições, em trabalho alinhado com o texto referente à base da iniciativa, difundido nacionalmente ([link abaixo](#)).

“Nosso papel foi o de acompanhar a produção do material preparado para os diferentes grupos viverem essa iniciativa no tempo quaresmal, para os ensinos superior, infantil e médio”, explica o então presidente da Comissão para a Cultura e a Educação da CNBB, Dom João Justino Medeiros Silva, que ressalta o esforço para que o tema fosse

incentivado tanto para a leitura quanto para ações concretas nas escolas. Em abril, após a entrevista, o bispo foi eleito pelo episcopado brasileiro como primeiro vice-presidente da conferência.

UM PAÍS COM FOME

De acordo com pesquisa realizada pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan), entre o fim de 2021 e começo de 2022, eram 33,1 milhões de brasileiros vivendo em estado de fome. Na metodologia utilizada, isso significa que o domicílio apresentava uma ou mais pessoas que não puderam ter suas refeições, por



Bispo Silva: incentivar ações concretas nas escolas

Divulgação

“ÀS VEZES SOMOS IMPACTADOS INDEPENDENTEMENTE DA NOSSA PROCURA, JÁ EM OUTRAS SITUAÇÕES, A SURPRESA DE SE DEPARAR COM O CENÁRIO ENCONTRA EM NÓS RESSONÂNCIA DE SENSIBILIDADE, PARA PODERMOS REFLETIR E GANHAR UMA NOVA CONSCIÊNCIA SOBRE AQUELA REALIDADE”

– DOM JOÃO JUSTINO MEDEIROS SILVA

pelo menos um dia, durante os três meses anteriores a esse estudo.

“O contexto atual é de urgência, já que acompanhamos indicações bastante precisas sobre a fome no país e, também, a insegurança alimentar – indivíduos que, mesmo tendo comido hoje, não sabem o que vão ter para comer amanhã”, explica o bispo.

Um ponto em que essa temática se aproxima de forma preocupante do universo educacional é o fato de lugares e realidades onde crianças recebem sua única refeição completa durante a merenda escolar.

“Vimos isso de forma muito clara no período da pandemia do coronavírus, com o fechamento das escolas, e pudemos acompanhar o desespero das famílias que tinham apenas essa garantia de alimentar seus filhos”, lamenta. No entanto, além da premência sobre o assunto, Silva também ressalta a importância de que esses tópicos sejam abordados sob prismas diferenciados.

Nos últimos meses, o padre Jean Poul Hansen vem trocando a calmaria da simpática cidade de Campanha, no sul de Minas Gerais, também conhecida como a “terra natal do cientista Vital Brazil”, com 16 mil habitantes, para atuar com demandas de instituições de ensino de todo o território brasileiro. Essa é a rotina da posição de um assessor de Campanhas da CNBB.

“Em muitos colégios de classe A, os alunos são quase incapazes de conceber a realidade da fome, mas é preciso vencer esse fosso de separação e estabelecer contato não apenas conceitual, mas, sobretudo, pessoal, fraterno e transformador”, explica.

De acordo com o pároco, os educadores vão realizar essa ponte, uma missão que vai exigir criatividade e amor. “Os pobres nos evangelizam – e é preciso que nossos estudantes tenham essa oportunidade de serem evangelizados”, diz.

MAIS DE 60 ANOS

A primeira experiência do que viria a ser a Campanha da Fraternidade como conhecemos hoje, chamada de piloto, foi gestada em 1961 e colocada em prática no período da quaresma em 1962, em Natal, Rio Grande do Norte.

Padre Hansen: conceitual, mas, sobretudo, pessoal, fraterno e transformador

Nos anos seguintes, tornou-se uma proposta nacional, passando a ter apoio do Vaticano na sua realização e divulgação.

Apesar da relevância dessa realização no calendário católico como um todo, uma edição marcante foi a de 1994, sob o tema Educação e a Família, que culminou com a frase eternizada em uma canção que faz ecos até os dias de hoje: “A família, como vai”?

Foi dessa época também a música “Oração pela família”, de autoria do Padre Zezinho, que animou comunidades no período e, também, continua sendo executada, quase trinta anos depois.

TRAZER A PAUTA PARA A SALA DE AULA

“A vida é sempre mais eloquente que o discurso e, por isso, é preciso trazer a realidade do fomento para dentro da sala de aula, ouvi-lo e dar-lhe voz por diferentes meios”, explica Hansen.

De acordo com o assessor da CNBB, é preciso gerar consciência e compromisso, por recursos como a leitura de textos, livros, vídeos, entrevistas etc (*leia as sugestões de obras no box*).

“Como não lembrar o mestre Paulo Freire? Ele sempre nos ensinou a levar essas realidades desafiadoras para a escola e, mais ainda, descobri-las dentro de todos os conteúdos e práticas que realizamos”, pontua.



Divulgação

OS OBJETIVOS PRÁTICOS DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE EM SALA DE AULA:

1. **COMPREENDER** a realidade da fome à luz da fé em Jesus Cristo;
2. **DESVELAR** as causas estruturais da fome no Brasil;
3. **INDICAR** as contradições de uma economia que mata pela fome;
4. **APROFUNDAR** o conhecimento e a compreensão das exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome;
5. **ACOLHER** o imperativo da Palavra de Deus, que nos conduz ao compromisso e à corresponsabilidade fraterna;
6. **INVESTIR** esforços concretos em iniciativas individuais, comunitárias e sociais que levem à superação da miséria e da fome no Brasil;
7. **ESTIMULAR** iniciativas de agricultura familiar agroecológica e a produção de alimentos saudáveis;
8. **RECONHECER** e fomentar iniciativas conjuntas entre comunidade de fé e outras instituições da sociedade civil organizada;
9. **MOBILIZAR** a sociedade para que haja uma sólida política de alimentação no Brasil, pautada na soberania alimentar popular, que garanta que todos tenham vida.

* Extraído do e-book dos Projetos Interdisciplinares da Campanha da Fraternidade 2023, desenvolvido pela FTD Educação.

Além do e-book citado no início deste artigo, o padre ressalta também os três livretos chamados Campanha da Fraternidade na Escola, um para cada período específico: ensino fundamental anos iniciais, anos finais e ensino médio. São cinco aulas por livro, preparadas por uma equipe da Pastoral da Educação.

A CNBB oferece, ainda, uma plataforma com vídeos e cursos on-line (*endereços e links ao final da reportagem*).

CONSCIENTIZAÇÃO

Para o bispo Silva, a busca pela conscientização está ligada a uma condição de sensibilização. “Às vezes somos impactados independentemente da nossa procura, já em outras situações, a surpresa de se deparar com o cenário encontra em nós ressonância de sensibilidade, para podermos refletir e ganhar uma nova consciência sobre aquela realidade”, afirma.

Nesse contexto, a figura do docente é importante para criar essas situações, ressalta o presidente da comissão, pois trata-se da junção do projeto de escola, pedagógico, através do olhar e pela

escuta, que é o processo de pensar, refletir e, assim, chegar a uma nova compreensão.

Aqui o papel do educador é muito importante, pois, no conjunto do projeto de uma escola, do projeto pedagógico, é ele quem procura criar situações de sensibilização. “Elas vêm pelo olhar e pela escuta, que é o processo de pensar e refletir e, portanto, chegar a uma consciência nova”, diz.

APOIAR A COMUNIDADE ESCOLAR

Para fornecer suporte à comunidade escolar para que o tema da Campanha da Fraternidade seja desenvolvido em alinhamento, tanto com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) quanto à proposta pedagógica da instituição, a FTD Educação disponibiliza, além do e-book, uma formação on-line sobre o tema.

“Ele não é um curso estático, apenas para apresentar ou demonstrar um material – ele faz isso também, mas o principal objetivo é apoiar a comunidade escolar e, por isso, o pensamos de forma interdisciplinar”, garante o especialista em Redes Profissionais no Brasil, Julio Souza.

EXEMPLOS DE OBRAS PARA ATIVIDADES

Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus



Sinopse: Trata-se do diário da autora, Carolina Maria de Jesus, uma catadora de papel, que cria seus filhos na favela do Canindé, em São Paulo, e narra com uma literatura-verdade o cotidiano de tristeza e dificuldades, vivenciadas nos anos 1950, mas bastante atuais.

Geografia da fome: O dilema brasileiro: pão ou aço de Josué de Castro



Publicado em 1946, mostrava os desafios enfrentados por um Brasil em processo de democratização. Dentre eles, fome coletiva, decorrente dos sistemas econômicos e sociais. Após mais de 70 anos, o quadro ainda é preocupante.

Souza, da FTD
Educação: experiência
e competências podem
contribuir e inspirar

A proposta é estruturada em três módulos: um introdutório; outro dedicado a cada etapa da educação básica, com propostas práticas; e, por fim, o projeto em si, desenvolvido em linguagem acessível. O curso está disponível na plataforma Consultoria Online FTD Educação (*endereço ao final da reportagem*).

UM PROCESSO E NÃO UM FRAGMENTO

Para falar da importância da orientação das atividades com os estudantes, Souza recorre às palavras de São Marcelino Champagnat (1789-1840), fundador do Instituto Marista. “Ele ensinou aos professores que a vida dos alunos é o eco de seu apostolado – e está certo”, reforça.

Para o especialista, uma educação de qualidade é, por essência, integral, o que significa tornar este processo parte de um todo e não fragmento.

“Os campos de experiência e as competências gerais e específicas podem contribuir e inspirar nesse desafio, desde o estímulo na relação do eu com o outro e o nós, as interações, a convivência, os projetos de vida, até mesmo as brincadeiras, o percurso contínuo de aprendizagens é o lugar eficaz e oportuno para esta finalidade”, conclui.

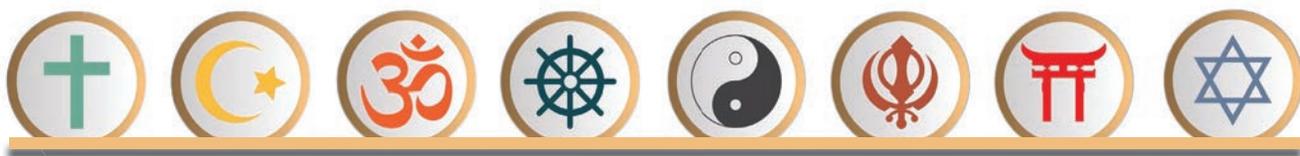
Acesse cursos e vídeos sobre a Campanha da Fraternidade no site www.campanhas.cnbb.org.br.

O e-book produzido pela FTD Educação sobre o tema pode ser acessado em <https://conteudo.marista.org.br/campanha-da-fraternidade-23>.

O curso sobre a aplicação da CF na escola está disponível na plataforma Consultoria Online FTD Educação, para escolas parceiras, pelo site: <https://consultoriaonline.ftd.com.br>.



Divulgação



Meta para 2030: desenvolvimento educacional sustentável

Congresso internacional, realizado na Espanha, discutiu os rumos da educação confessional mundial

Garantir uma educação inclusiva, equitativa, de qualidade e que promova oportunidades de aprendizagem permanente para todos. Esse foi o compromisso central do evento internacional *Conferencia Mundial de Educación*, sediado na Galícia, comunidade autônoma da Espanha, em sua capital Santiago de Compostela.

Realizado em fevereiro, o encontro teve como tema: A educação e os objetivos de desenvolvimento sustentável, Horizonte 2030. Suas bases são definidas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco).

A perspectiva das discussões mira no futuro, nos direitos à inclusão no processo educativo e em um enfoque humanista da educação, com sustentabilidade, em alinhamento com temas como direitos humanos e dignidade, justiça social, paz,

inclusão e proteção (conheça os objetivos de desenvolvimento *no boxe*).

“Nossa participação, em primeira instância, foi para conhecer as tendências mundiais sobre o tema e segundo, porque se trata de um espaço específico para refletir sobre a educação confessional mundial”, explica o coordenador de projetos institucionais da FTD Educação, Vitor Divino André.

O assunto tem peso central na atuação do grupo, com especial atenção para ampliação de parcerias nesse segmento. Há, inclusive, uma área de atendimento institucional específica, que opera na missão das Escolas Confessionais do Brasil.

REALIDADES EDUCACIONAIS

O encontro proporcionou um intercâmbio de experiências entre os participantes, com foco na pluralidade de cenários existentes ao redor do planeta.

De acordo com o representante, foi possível conceber uma ampliação de olhares, sob óticas e práticas de outras culturas sobre o educacional. “Esse movimento contribui para uma reflexão importante sobre o que fazemos, como realizamos e o que podemos aprender com as experiências e práticas de outras realidades de ensino”, diz.

Um pilar que permeou vários temas tratados foi a universalização da educação para o desenvolvimento sustentável do planeta, reforçando que não é suficiente e nem saudável o desnivelamento de qualidade das condições oferecidas entre os países. “Enquanto houver países referendados como sendo de educação de qualidade, significa que temos outras nações abaixo dessa referência”, pontua.

GRANDES DESAFIOS

Em uma reunião de membros de diversas nações, André acredita que é possível identificar, mesmo em diferentes nações, desafios semelhantes para o que ele define como “missão educativa pautada no carisma e valores que compõem a identidade da educação confessional”.

Inspiradas por diretrizes do pontificado do Papa Francisco estão as prerrogativas universais como: educar para cuidar do planeta, com foco no Pacto Educativo Global; o cuidado com a Casa Comum; o humanismo solidário e a pedagogia do cuidado. “Vão além dos resultados focados no desempenho acadêmico, trata-se de um olhar mais amplo, do ponto de vista da formação integral e da formação planetária”, complementa.

De acordo com o coordenador, o evento na Espanha foi inspirador para a operação em andamento nas escolas confessionais do país. “Reforçou o caminho que já estamos trilhando, trouxe insu- mos para correção de rotas e elementos que contribuirão para elaboração de novas propostas e inovação para a área”, conclui.

Reunidos, os órgãos reforçaram premissas como a de que educação é um direito humano e capacitador, e para isso os países devem garantir o acesso universal, igualitário, gratuito e obrigatório; é um bem público que implica participação. 🌐

OS 17 OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA UNESCO





A educação e o metaverso estão cada vez mais próximos

Iniciativas fora e dentro do Brasil mostram que a tecnologia dos universos virtuais aparece em fase de testes e adaptações nos mais diversos cenários – dentre eles, o pedagógico

Em muitos segmentos, inclusive no educacional, é comum que o conceito de metaverso seja abordado como algo demasiadamente futurista e, principalmente, distante da realidade atual.

Não é o que vem acontecendo na Coreia do Sul, por exemplo.

Em apenas três dias, mais de um milhão de pessoas assistiram a uma experiência inovadora chamada *Girl's Re:verse*. Na atração, que funciona sob a mesma dinâmica de um *reality show*, trinta jovens cantoras disputam cinco vagas para a formação de um conjunto de *K-pop*.

Essa explicação, provavelmente, é desnecessária para professores e profissionais de educação



Metaverso FTD é a primeira plataforma do país voltada para a educação

em contato com estudantes adolescentes e jovens, tamanho o sucesso desse gênero musical. Mas aqui está a definição: trata-se da mundialmente conhecida música popular coreana, que mistura elementos do hip-hop, pop e eletrônico, com alta proximidade das novidades tecnológicas.

O que chama a atenção na proposta acima descrita é o fato de a competição ter ocorrido, exclusivamente, no mundo virtual. As participantes estavam em cubículos, utilizando óculos 3D e joysticks nas mãos. Cada uma delas aparecia sob as características de um avatar, com seus detalhes, acessórios e itens cuidadosamente escolhidos – inclusive o nome. A identidade “real” dessas garotas será revelada, apenas, ao final da seleção. Durante o processo, a existência das artistas foi somente digital.

Isso significa que, apesar do distanciamento das condições atuais, trata-se de uma ação de massa, desenvolvida integralmente no ambiente do metaverso. O produto cultural que resultou dessa escolha também vai existir apenas no mundo virtual, o conjunto Fe:verse.

Primeiramente se faz necessário entender que o uso das tecnologias em geral na Coreia do Sul é diferente de outros países – como explica um artigo do início do ano do jornal *The New York Times*, intitulado *Will the Metaverse Be Entertaining? Ask South Korea* (O Metaverso fará parte do entretenimento? A Coreia do Sul já tem sua

resposta), nem os Estados Unidos, sede da empresa Meta, possuem iniciativas tão abrangentes sobre esse universo. O mesmo texto ainda ressalta que o governo sul-coreano anunciou investimento de US\$ 170 milhões (cerca de R\$ 900 mi) para fomentar um projeto chamado de aliança do metaverso, com centenas de empresas desenvolvendo conteúdo.

REALIDADE (VIRTUAL) BRASILEIRA

Na mesma época em que os resultados do *reality show* coreano eram divulgados, uma iniciativa brasileira foi lançada com o objetivo de aproximar o tema das rotinas educacionais do país: o Metaverso FTD.

A FTD Educação criou um ambiente virtual, que proporciona imersão ao usuário e passa a ser um espaço onde a companhia de soluções educacionais já mostra seu portfólio e divulga eventos.

Com apenas um clique, de forma rápida e intuitiva, é possível acessar essa interface e começar a explorar as possibilidades oferecidas. “Desde o princípio do projeto, a usabilidade foi a questão principal”, garante o coordenador de Design e Experiência Digital (UX), Marcus Bruzzo. “Com o advento de novas tecnologias, a única forma de fazê-las ganhar tração no mundo real é garantindo que pessoas normais possam participar e utilizar da maneira mais natural possível”, complementa.

O produto foi desenvolvido por uma equipe considerada enxuta, com seis profissionais escolhidos a dedo, com base no amplo conhecimento das ferramentas necessárias para a implementação de uma tecnologia que ainda é pouco conhecida.

O acesso facilitado à plataforma se deu após diversas rodadas de aprimoramento das mecânicas de usabilidade que, segundo o desenvolvedor, foram responsáveis por alcançar um nível de leveza dos controles, permitindo que o foco da experiência seja seu conteúdo e não a mecânica em si. “Quando os comandos são mais naturais e simplificados, as pessoas conseguem reter melhor a informação da interação e o material que disponibilizamos no espaço”, diz.

SIMULAÇÃO DE MUNDOS REAIS

Há anos, o conceito de gamificação é difundido nos processos educativos. Bruzzo reforça essa afirmação, ressaltando que, na sua opinião, tanto a linguagem quanto a estética do metaverso devem facilitar a aderência de crianças e jovens a experiências educacionais, justamente pela dinâmica e riqueza imersiva, a que já estão tão habituados no mundo dos jogos de entretenimento. Isso não significa que essa novidade tecnológica se resume a um videogame.

“Há uma compreensão cultural equivocada de que gamificação seja algo inerente às novas tecnologias. Ela é a habilidade de forçar – no caso estudantes ou consumidores – a criar narrativas próprias, de forma diegética, a fim de compreenderem melhor uma mensagem”, explica.

Nesse ponto, reforça, o metaverso vai contar com a recriação de espaços que simulam o mundo real, e permitir inserção de personagens, de *levels* (níveis como em jogos, que são acessíveis por se conquistar determinadas combinações), de outros *players* (qualquer outro usuário com quem se possa interagir em tempo real) etc.

“Esses elementos são cruciais para a criação de uma narrativa, e as mecânicas viáveis desse universo virtual automaticamente se valem desses recursos”, afirma.



TECNOLOGIA E CULTURA

Quais são as características inerentes à inserção de uma nova tecnologia e cultura?

Bruzzo define a fase com o que classifica como “tecnofetichismo”, que seria o momento introdução de conceitos e tendências, em que as pessoas procuram experimentar apenas pelo puro prazer da experimentação – isso porque, comenta, o metaverso em si ainda não está formado, seja como conceito ou como produto.

Bruzzo, da FTD Educação: metaverso vai facilitar aderência aos conteúdos



Divulgação

“ACREDITO QUE, ASSIM QUE ESSA NOVA TECNOLOGIA ENTRAR EM NOSSAS VIDAS, A NECESSIDADE DE INCLUIR O AMBIENTE VIRTUAL NAS ESCOLAS VIRÁ NATURALMENTE. IMAGINO QUE, EM MENOS DE DEZ ANOS, JÁ ESTEJA SENDO APLICADO NAS INSTITUIÇÕES, NAS ÁREAS PEDAGÓGICA E ADMINISTRATIVA” – HELENA POÇAS LEITÃO

“Estamos naquela fase da implementação em que o mercado ainda não definiu seus padrões, similar à época em que o VHS disputava com a Betamax a popularização dos vídeos portáteis (sim, o formato VHS ganhou)”, observa.

Na visão do coordenador, neste momento o ambiente encontra-se fragmentado em pequenos formatos e soluções que não possuem uma definição universalmente aceita.

“Sabemos que ele deverá conter algumas características primordiais: múltiplos acessos e interação; ambientes que se assemelham à espacialidade do mundo real e, por último, seguros sistemas de identificação, como vínculo ao blockchain (mecanismo de banco de dados que permi-

te compartilhamento transparente de informações na rede)”, pontua.

Esses componentes, *a priori*, serão os responsáveis por permitir a extensão prática do universo real, trazendo, portanto, soluções também reais.

JOGAR É APRENDER

Ainda sob as dinâmicas possíveis no ambiente virtual, o especialista acredita que sua aproximação com os games é favorável às rotinas dos educadores. “É fundamental que docentes se apropriem do termo, porque jogar é uma das formas mais naturais de aprendizado”, cita.

Nesse mecanismo, prossegue, é possível inserir objetivos que vão além do entretenimento, como o da educação, o de causar sensações, de expor pessoas a situações de decisão, como nas abordagens ativas do Problem-Based Learning (PBL) e, assim, permitir experiências ampliadas sobre qualquer assunto.

“É muito engrandecedor, em termos de retenção, inserir o aluno em uma cena histórica acontecendo à sua frente, em que ele possa andar entre as pessoas daquela época, ao invés de só mostrar uma ilustração ou falar sobre”, exemplifica.

Na visão do profissional de UX, o metaverso, se bem utilizado, traz essa possibilidade de largar estudantes em um universo seguro e curado pedagogicamente, para que aprendam, observem, e possam, a partir dessa experiência de imersão, dissertar, dialogar, elaborar análises, pensar criticamente, pois conseguem, efetivamente, enxergar sob vários pontos um mesmo objeto.

“ESTUDANTES JÁ ESTÃO NO METAVERSO”

As aspas acima são de uma fala da escritora Helena Poças Leitão, fundadora da startup Sua Escola Ideal e autora do livro *Metaverso Educacional de Bolso*, que assina com o professor Francisco Tupy.

Na sua visão, os estudantes já estão interagindo nesse ambiente virtual, nos games e na internet, e as escolas precisam se atualizar quanto às novas tecnologias capazes de potencializar o processo



Divulgação

Poças Leitão: gestores poderão enxergar oportunidades para escolas

de ensino-aprendizagem, além de trazer crescimento para os negócios.

Os próximos passos dessa revolução tecnológica, explica, devem evoluir menos para o jogo virtual e mais para espaços de convívio e realizações – o que estaria motivando empresas do gênero a mudar seus formatos nativos, como forma de adequação ao futuro.

“O Decentraland (plataforma baseada em navegador de mundo virtual 3D), por exemplo, que antes oferecia uma experiência focada em videogames, agora abre seu metaverso para interações sociais, organização de eventos, negociação de produtos e serviços e compras de terrenos virtuais”, enumera.

IMPACTOS NA GESTÃO

Segundo Poças Leitão, a chegada do metaverso vai impactar a gestão escolar, a captação de estudantes, o jeito de fazer marketing, dentre outros aspectos do negócio.

“Por isso, é importante entender como funciona esse ambiente virtual e acompanhar suas tendências. Dessa maneira, os gestores poderão enxergar oportunidades para suas escolas, assim como os educadores poderão avaliar caminhos de usabilidade para o processo de ensino-aprendizagem”, afirma.

Apesar de acreditar que escolas com perfil mais próximo da temática tecnológica terão mais facilidade em dar os primeiros passos em projetos no metaverso, a especialista afirma que é possível começar propostas sem custo ou, então, com baixo investimento. “Vai depender muito da vontade de cada instituição em querer adentrar-se nesse novo universo virtual”, cita.

UMA DÉCADA DE INOVAÇÃO

Para a autora, o metaverso será nossa vida virtual onde, num futuro próximo, estaremos à vontade para trabalhar, fazer compras, encontrar amigos, ir a shows, estudar, dentre outras atividades que fazemos no mundo físico.

“Acredito que, assim que essa nova tecnologia for entrando em nossas vidas, como está

COMO FUNCIONA O METAVERSO FTD

Apesar do pouco tempo em operação, o Metaverso FTD já impressiona tanto pelo número de acessos quanto pela retenção do usuário no ambiente virtual.

As interações com redes sociais a partir dele também são consideráveis, se comparadas a outras formas de comunicação existentes.

Quer saber como é essa experiência? Acesse no seu navegador o endereço <https://metaverso.ftd.com.br>

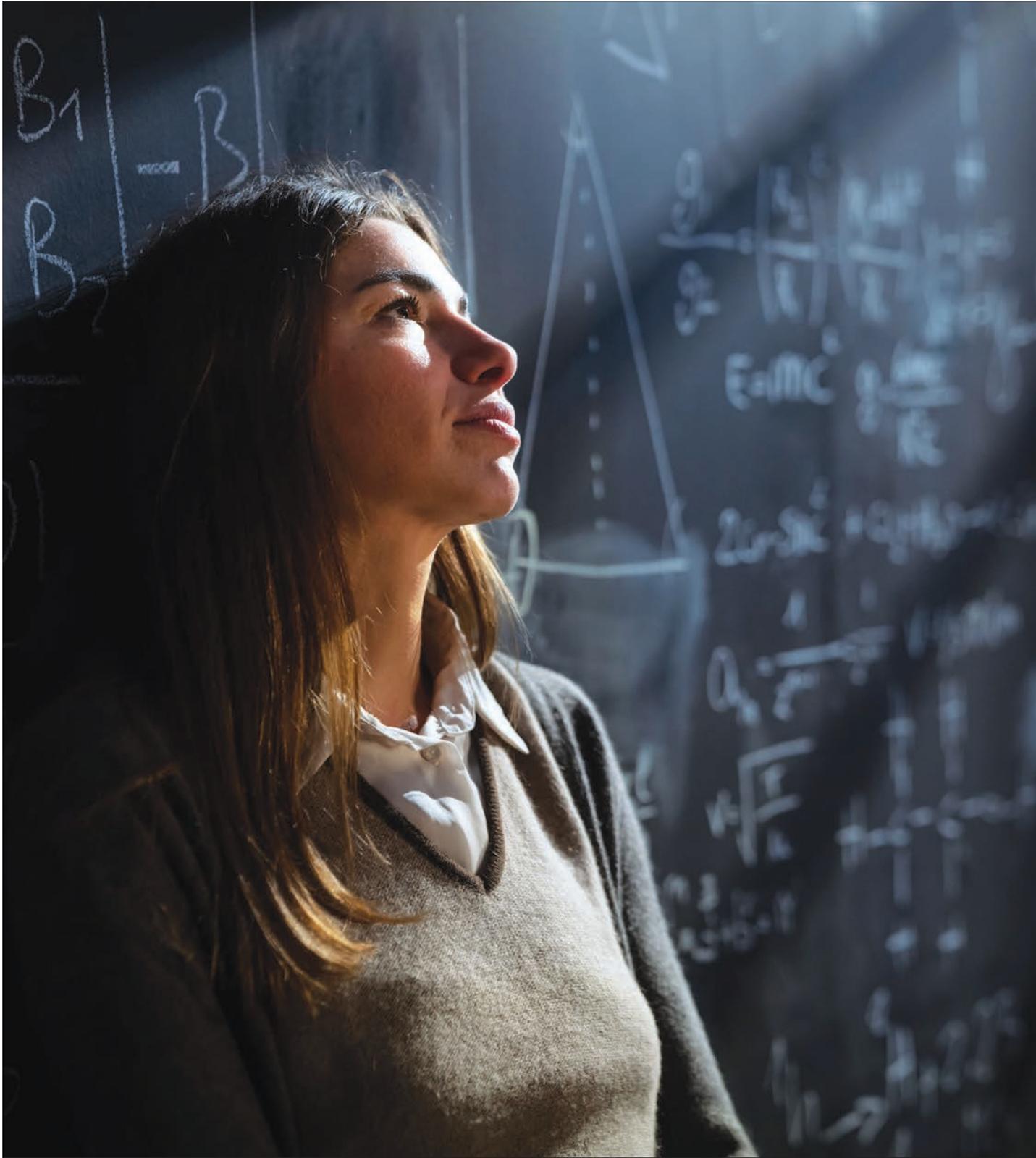


Divulgação

acontecendo, por exemplo, com a inteligência artificial, a necessidade de incluir o ambiente virtual nas escolas virá naturalmente. Imagino que, em menos de dez anos, já esteja sendo aplicado nas instituições, nas áreas pedagógica e administrativa”, relata.

O projeto Metaverso FTD está previsto para ocorrer em fases, para testes, medição de resultados e de aprendizado com os usuários.

De acordo com o coordenador de UX, Bruzzo, outras novidades da interface já estão em processo criativo. “Tende a crescer rumo a um ecossistema de soluções integrado aos produtos que a FTD Educação já trabalha no mercado, unindo uma nova mídia com interação imersiva aos conteúdos educacionais”, conclui. 🌐



“Perceber rejeição da sala é devastador para o professor”

Psiquiatra e educador comenta os efeitos de uma abordagem insuficiente das competências socioemocionais para preparar os docentes



O sonho de cursar medicina e a falta de condições financeiras para uma faculdade nessa carreira levaram Celso Lopes de Souza a buscar uma renda ministrando aulas em um cursinho preparatório para vestibular. Eram estudantes de alto rendimento, também sob o objetivo de serem médicos.

Já formado, persistiu na carreira de educador e passou a observar os efeitos da pressão nos estudos na saúde mental desses alunos: entrava aí a especialização em psiquiatria.

Ao passar tantos anos em contato com essa realidade e os desafios para a estrutura psicológica das pessoas do universo educacional, analisava quem estava nas carteiras e, também, quem ministrava as aulas.

Foi um dos fundadores do Programa Semente, organização com o objetivo de aproximar as competências socioemocionais com ferramentas e

soluções para crianças, adolescentes, docentes, gestores e outros profissionais do ensino.

O eixo da proposta está em identificar e manejar suas emoções, mantendo a curiosidade e o entusiasmo, tomando decisões responsáveis e interagindo com as pessoas de forma respeitosa e empática.

Dentre as possibilidades estão: explicar as competências e oferecer ao usuário condições de se avaliar e de se desenvolver em cada uma delas.

“Ficou claro que é importante associar esse aprendizado ao quanto é fundamental olharmos todos os aspectos da nossa psique, a capacidade de gerir o dia a dia, de ser flexível, ser capaz de modular os sentimentos desagradáveis”, explica o médico psiquiatra, em entrevista para a revista **Mundo Escolar**.

Em um dia marcado pela violência, por conta da invasão de um aluno armado com uma faca em uma escola estadual de São Paulo, o especialista falou sobre socioemocional, a pressão e os desafios que o momento atual impõe aos profissionais da educação.

O ensino das competências socioemocionais ao aluno é uma pauta frequente e, cada vez mais, debatida e aplicada. Como vê a atenção dada à formação dos professores sobre o tema?

A atenção ainda não é suficiente e isso é um grande problema. Para chegar nos alunos, é preciso que os educadores estejam preparados. E as mudanças rápidas que estão acontecendo neste momento histórico em que a gente está afetando todos nós – alunos e professores. Já existem trabalhos que mostram a importância de preparar esses profissionais para impactar aqueles que estão recebendo as informações na outra ponta.

Como estão as questões do socioemocional nas vivências diárias desse profissional?

As principais causas do afastamento de trabalho dos professores estão ligadas ao código internacional de doenças mentais. E o impacto disso pode ser explicado por que os alunos estão mudando muito mais rápido que a flexibilidade dos educadores.

Souza: não saber falar não pode causar esgotamento físico



Docentes que eram muito benquistos pela sua turma, que tinham um domínio sobre a sala, hoje apresentam dificuldades e começam a perceber uma rejeição quando tentam insistir em estratégias que funcionavam no passado. A percepção desse distanciamento é tóxica e pode ser uma das razões que levam a esse alto índice de afastamentos por transtornos mentais.

Que tipo de consequências a ausência ou o enfraquecimento das habilidades socioemocionais no professorado podem gerar na vida social e profissional desses indivíduos?

Quadros como depressão, ansiedade e outros transtornos de humor têm um impacto gigantesco nisso. A sensação de não conseguir entregar o que sempre entregou, aquilo que era um propósito, passa a ser devastadora, do ponto de vista motivacional.

Como os gestores encaram esse assunto? Na sua visão, há um esforço para que esses temas sejam trabalhados no corpo funcional?

Todos percebem a necessidade, mas há muita dificuldade sobre o que fazer ou, então, como proceder com isso. Essa é uma das propostas a que a Semente Educação vem se dedicando, que propõe fazer a transposição didática do que já existe de estudo a respeito, para levar tanto conhecimento técnico sobre as competências socioemocionais, como fornecer orientações para que os professores consigam avaliar esses conceitos em si mesmos e, a partir daí, desenvolvê-los.

Medo, raiva, insegurança etc. O senhor acredita que esse tipo de sentimento tem aparecido com maior frequência nesse grupo profissional? O que motiva essas sensações nas rotinas escolares?

Sob rigor, todos nós sentimos medo, raiva, tristeza. São sentimentos absolutamente normais e humanos, que indicam uma percepção do que está acontecendo no ambiente. Se a percepção é

de incerteza, afloram os estados do medo, como ansiedade, preocupação. No caso da justiça, aparecem os sentimentos da raiva, como frustração, indignação; no de perda, os da tristeza, como desesperança e, o mais intenso, que é o luto. Eu não acredito que eles estão aparecendo com maior frequência, o que existe é uma dificuldade em entender o que os sentimentos estão dizendo a essas pessoas.

Pela sua experiência nesse cenário, acredita que, em alguns casos, professores de todas as redes (pública e privada) sofrem algum tipo de preconceito, pressão ou falta de atitudes por parte dos gestores, por conta de problemas causados por questões socioemocionais?

Isso sempre pode acontecer. Mas acho que já existe uma sensibilização maior sobre a necessidade dessas medidas, porque os gestores também estão vivenciando esse mesmo quadro.

O que podemos dizer sobre a síndrome de burnout? Ela é uma realidade entre o professorado?

O burnout é uma síndrome de esgotamento, que é provocado por fatores externos e, muitos deles, por uma dificuldade de manejo da autogestão.

Por exemplo, competências socioemocionais como assertividade, que é a capacidade de falar não. ‘Não estou conseguindo dar conta do que estou fazendo, não consigo falar não’ e, assim, o indivíduo vai se esgotando para conseguir entregar e isso pode, sim, gerar um quadro mais grave, que vem acompanhado de uma constelação gigantesca de sintomas e sinais associados, que a gente chama de burnout.

Do ponto de vista de diagnóstico, é possível dizer que, às vezes, outros problemas de saúde mental são sinais da síndrome de burnout que não estejam recebendo o tratamento adequado?

Na verdade, é um conjunto de sinais e sintomas. Podem entrar nesse cenário a depressão, os

“SOB RIGOR TODOS NÓS SENTIMOS MEDO, RAIVA, TRISTEZA. SÃO SENTIMENTOS ABSOLUTAMENTE NORMAIS E HUMANOS, QUE INDICAM UMA PERCEPÇÃO DO QUE ESTÁ ACONTECENDO NO AMBIENTE. NÃO ACREDITO QUE ELES ESTEJAM APARECENDO COM MAIOR FREQUÊNCIA, MAS HÁ UMA DIFICULDADE EM ENTENDER O QUE ESSES SENTIMENTOS ESTÃO DIZENDO” – DR. CELSO LOPES DE SOUZA

transtornos de ansiedade, entre outros. O tratamento é praticamente o mesmo, você só observa que tem um fator externo, que precisa ser analisado mais de perto. Sob o ponto de vista farmacológico e de medidas, o tratamento é o mesmo.

Existem características que o próprio paciente pode perceber, em sua rotina diária, que tendem a ser um tipo de alerta?

Sim. Por exemplo, apresentar a competência assertividade pouco desenvolvida e, ainda, a dificuldade de gerenciar as coisas, organização, por exemplo. Esses são sinais de alerta.

E com relação aos colegas de trabalho e funcionários da instituição. Que comportamentos devem ser observados?

A percepção de queda de produtividade, esgotamento. Diminuição de imunidade, infecções virais constantes, oscilações de humor. Esses são, também, possíveis indicativos.

Qual a melhor forma de orientar o indivíduo que está sofrendo com esse quadro?

Indicar para um profissional especializado e rever, inclusive, o ambiente da escola. O encaminhamento é fundamental e, também, um olhar sobre a cultura da escola – saber se a instituição está se importando com isso.

Qual o papel do Programa Semente e sua proposta de formação do socioemocional?

“NÃO SE TRATA DE NÃO SENTIR RAIVA OU TRISTEZA, MAS ACHAR A JUSTA MEDIDA: A IRA INDICA UMA INJUSTIÇA, MAS A PESSOA NÃO PODE TENTAR RESOLVER COM AS PRÓPRIAS MÃOS, POIS VAI FAZER BOBAGEM”

É o momento focado em trabalhar com os alunos as competências socioemocionais e, também, a formação de professores em arcabouços conceituais consistentes e sólidos sobre o assunto, que nós já temos hoje. Acho que isso é fundamental. O Programa Semente segue nessa direção.

A educação está na sua vida desde a sua formação, como estudante, professor e autor de conteúdos didáticos. A psiquiatria chega com o diploma e a especialização: esses assuntos se complementam em sua vida?

Para poder estudar medicina, comecei a ser professor de cursinho. E levei as duas profissões de docente, estudante de medicina, depois, mé-

dico, vendo os impactos que os aspectos emocionais causavam na vida dos alunos de alta performance, que eram para quem eu dava aula, que buscavam medicina. Ficou claro que era muito importante associar esse aprendizado do quanto é fundamental olharmos todos os aspectos da nossa psique, a capacidade de gerir o dia a dia, de ser flexível, ser capaz de modular os sentimentos desagradáveis.

Digo isso pois não se trata de não sentir raiva ou tristeza, mas achar a justa medida: a ira indica uma injustiça, mas a pessoa não pode tentar resolver com as próprias mãos, pois vai fazer bobagem.

Competências de aproximação como iniciativa social e a que fundamentalmente aumenta a harmonia dos grupos, que são as ligadas à família, como amabilidade, empatia, respeito e confiança. Acho que essas são as verdadeiras bagagens que a gente tem de levar para um futuro que é completamente incerto, mas com um monte de possibilidades. E ela não é só para os alunos, mas também para os professores. 🌍

CINCO MACROCOMPETÊNCIAS E AS 17 COMPETÊNCIAS

Em conteúdo formativo produzido pelo Instituto Ayrton Senna estão as competências socioemocionais a serem desenvolvidas no ambiente escolar.

Na estrutura apresentada abaixo observamos cinco macrocompetências, que se desdobram em um total de 17 competências.

Autogestão	Engajamento com os outros	Amabilidade	Resiliência emocional	Abertura ao novo
Determinação	Iniciativa social	Empatia	Tolerância ao estresse	Curiosidade para aprender
Organização	Assertividade	Respeito	Autoconfiança	Imaginação criativa
Foco	Entusiasmo	Confiança	Tolerância à frustração	Interesse artístico
Persistência				
Responsabilidade				

Fonte: Instituto Ayrton Senna

Avaliação socioemocional deve alcançar **105 mil estudantes em 2024**

Proposta aplicada em conjunto ao Instituto Ayrton Senna deve impactar a vida de alunos do Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio de escolas parceiras



Alguns dos benefícios do desenvolvimento socioemocional estão no impulsionamento de aspectos decisivos nas rotinas de um estudante, como a aprendizagem escolar, além de interferir em conquistas no decorrer de sua vida. Por exemplo, melhorar as relações interpessoais e ganhos para a saúde mental e física.

Em nova colaboração com o Instituto Ayrton Senna (IAS), a FTD Educação vai oferecer uma proposta para alunos e educadores de escolas parceiras, por meio da Avaliação Socioemocional.

Trata-se de uma ferramenta que permite observar o desenvolvimento desses aspectos nas turmas dos colégios participantes, a partir de uma metodologia baseada no autorrelato dos estudantes.

A avaliação já foi aplicada pelo IAS em uma base de mais de 800 mil pessoas. Na nova empreitada, a expectativa é a de que o recurso impacte a vida de 105 mil estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio, já em 2024.

RELEVANTE PARA VIVER A ESCOLA

Alguns aspectos do dia a dia no ambiente escolar são diretamente influenciados pelo desenvolvimento socioemocional.

Dentre eles está o próprio desempenho, que se refere à obtenção ou não de resultados pelos estu-

dantes; também se destaca o pertencimento escolar, que são as percepções e expectativas que o aluno cria com relação à sua instituição de ensino.

Temas que estão em grande evidência nos dias de hoje compõem esse rol, como a prevenção à violência escolar e ao bullying.

Também fazem parte desse contexto a promoção do bem-estar e da saúde mental.

TEMA EM EVIDÊNCIA

O IAS iniciou suas atividades há 28 anos, impulsionado pela vontade do tricampeão de Fórmula 1 Ayrton Senna (1960-1994) na implementação de melhorias para a sociedade brasileira. Sua atuação se dá por meio de parcerias com gestores públicos, educadores, pesquisadores e organizações para a construção de políticas educacionais baseadas em evidências.

A FTD Educação já realiza um longo trabalho de educação socioemocional em parceria com a Metodologia de Projeto de Vida e Atitude Empreendedora (OPEE), hoje presente em mais de 1,5 mil escolas e nas mãos de mais de 300 mil alunos.

A avaliação do IAS chega para reforçar o compromisso com o desenvolvimento das competências, com um instrumento eficiente, com uma solução baseada em credibilidade, rigor técnico e conceitual. 🌐

Formar estudantes, profissionais e, principalmente, seres humanos

Como é a vivência de docentes que aplicam em sala de aula as propostas do pilar pedagógico Projeto de Vida e o que eles transmitem a seus estudantes

Projetos de Vida é um pilar pedagógico que se relaciona com as sementes do amanhã. Essa é uma das definições propostas pela metodologia OPEE, parceira da FTD Educação ligada a projetos que abrangem toda a educação básica, que também coloca esse conceito como responsável por nortear os pensamentos, sentimentos e ações para a construção de uma vida com significado, propósito e sentido.

A proposta da revista *Mundo Escolar* está relacionada à aplicação dessas abordagens no dia a dia educacional. Como desempenhar as diretrizes desse tema em sala de aula, diante de um ambiente repleto de indivíduos heterogêneos, com bagagem cultural e realidades completamente distintas?

Dois educadores, selecionados com base em suas atividades semanais, ministram aulas de Projeto de Vida para estudantes de colégios diferentes: o Instituto Nossa Senhora Auxiliadora (Insa) e o Colégio Interativo, localizados na cidade de São Paulo.



PENSAR NO AGORA E NO FUTURO

A professora de Artes, Teatro e OPEE do colégio Interativo, Bárbara Gimenez, traz seu relato. Narra um fato que presenciou com um de seus alunos, que carrega notável inclinação filosófica e é habilidoso na formulação de boas perguntas.

“Ele me indagou qual era a função do Projeto de Vida, já que é impossível controlar o futuro, e complementou: ‘Não é melhor nos preocuparmos com o que está acontecendo agora?’”, recorda-se.

Decidiu pensar um tempo antes de responder, pois a docente percebeu que a questão era coerente em diversos níveis e, por isso, merecia uma resposta à altura. Ao final do encontro que, naquele dia, incentivava uma reflexão sobre inclinações profissionais dos presentes, antes mesmo que ela se manifestasse, o próprio estudante declarou: ‘Acho que entendi, se eu não me conhecer agora, meu eu-do-futuro pode não ser muito feliz’. ‘Sozinho, ele encontrou resposta muito mais precisa do que a que eu tentaria ofertar”, confessa.

Fez também Gimenez amplificar um ponto em sua consciência, o de que refletir, com atenção e presença, no agora, é quase como pensar no futuro.

PRIMEIRA IMPRESSÃO

Para suas salas no Insa, o docente de História e Projeto de Vida, Marcelo Ribeiro, inicia a discussão sobre o tema com o título da aula no quadro. “A perspectiva, em um primeiro momento, vai para o conceito de planejar, elaborar e, até mesmo o de construir, para traçar o seu pensamento”, explica.

Esse impacto inicial evolui para um questionamento maior e mais complexo, que convida os participantes a pensar o que seria esse assunto tanto dentro quanto fora dos muros da escola.

“Os adolescentes começam a observar que essa construção se inicia no eu, no autoconhecer, ao se olhar, quando o lado interno precisa ser conhecido para que o externo possa ser pensado, planejado e alcançado”, pontua.

As interações com esses tipos de dinâmicas tendem a romper, também, as eventuais barreiras existentes entre o educador e quem recebe as mensagens. De acordo com o professor, desde sua formação,

esse ponto não se configurou uma problemática. “Uma das primeiras questões que compreendi é a de que conhecimento é partilhar e compartilhar; é o lugar em que o aluno deve falar, ser ouvido, questionar-se e questionar”, enumera.

Em sua jornada profissional, destaca que o protagonismo do aluno sempre existiu, o que possibilita a formação e defesa do pensamento crítico por parte desses jovens.

UMA TRANSFORMAÇÃO AMPLA

Para Gimenez, do colégio Interativo, as duas aulas semanais que dedica ao projeto de vida para suas turmas configuram-se em espaços para um olhar profundo sobre tópicos da nossa existência. “Nossos afetos, ausências e medos nos nos tocam de tal modo que dificilmente saímos os mesmos”, diz.



Gimenez, do Interativo: escola aberta aos espaços de troca e acolhimento

“O CONHECIMENTO É VIVO E AS CRIANÇAS TAMBÉM SABEM MUITAS COISAS – O GOSTOSO DA EDUCAÇÃO É A ABERTURA PARA APRENDER JUNTO COM ELAS”

– BÁRBARA GIMENEZ

BASES IMPORTANTES PARA CONSTRUIR UMA VIDA FELIZ



Valores

Ser consciente do que é importante em nossas vidas, das causas que deseja defender e saber se posicionar no mundo.



Personalidade

Identificar suas características, habilidades, os ambientes e os estilos de vida que lhe interessam.



Identidade social

Identificar o papel que será vivido nas diversas esferas da vida: pessoal, social, financeira, profissional, afetiva, espiritual e outras.



Ritmo e estilo de vida

Conhecer o próprio ritmo para não se desrespeitar nem se colocar em contextos com os quais não se identifica, conhecer e respeitar sua própria assinatura, sua natureza como um ser único.



Limites e pontos a desenvolver

Identificar o que deseja aprimorar para se tornar uma pessoa melhor.



Virtudes e pontos fortes

Investir em virtudes para criar diferenciais pessoais e profissionais, criando fortalezas.

Fonte: OPEE

Segundo a docente, a exposição com afeto tem o poder de conectar. “É como se a vulnerabilidade que nos permitimos viver nesse tipo de troca colocasse todos nós em lugar humano e parecido”, pontua.

A afirmação de que “não existe docência sem discência”, eternizada pelo educador brasileiro Paulo Freire, na opinião da professora, torna-se norteadora para que as pessoas envolvidas no processo se convertam na relação: professores-alunos e alunos-professores. “A escola aberta aos espaços de troca e acolhimento me parece mais viva e tende a deixar todo mundo mais permeável”, cita.

Ribeiro, do Insa: despertar no aluno reconhecimento de seu potencial

“COMO FILHOS, ELAS DEVEM RESPEITAR E SER GRATOS POR TUDO: O AMOR, AFETO, CARINHO, FAMÍLIA E EDUCAÇÃO, MAS QUE, A PARTIR DOS VALORES QUE RECEBEM, DEVEM TRAÇAR, TRILHAR E CONSTRUIR A VIDA NA PERSPECTIVA DE QUE ELE É UM SER HUMANO”
 – MARCELO RIBEIRO



Divulgação

E esse convite à reflexão, explica Ribeiro, do Insa, é tão amplo que chega a influenciar, também, quem o suscita, provocando transformações. “Quando estudo o tema e as propostas para montar as aulas, me deparo com assuntos que levam a me questionar, rever, repensar e pensar o meu ser social, pessoal e humano”, ressalta.

Como exemplo, cita as atividades sobre o tópico habilidades para um mundo melhor, destacando ser impossível não questionar, neste momento, questões sociais como a fome e as desigualdades entre os povos.

LUGAR DE ESCUTA

Os tempos pós-pandemia trazem essa proposta de forma latente: desafio e a missão de transformar a escola em um lugar de escuta. Uma das propostas do Projeto de Vida é fazer o mesmo, de forma nativa em suas abordagens.

A professora do colégio Interativo acredita que é necessário partir de uma consciência sincera de que a instituição é espaço de afeto e acolhimento e de que o professor não é a figura que detém, sozinha, todo o saber. “O conhecimento é vivo e as crianças também sabem muitas coisas – o gostoso da educação é a abertura para aprender junto com elas”, cita.

Gimenez reforça que não há possibilidade de aprender ou desejar estar em um lugar onde não se é ouvido ou considerado. “Ninguém no mundo gosta de viver onde suas opiniões e vontades são pouco ouvidas; me parece – o que é um alívio – que a escola como lugar de obediência sem reflexão, de

silêncio e de pouco movimento e questionamento está aos poucos se desfazendo e os espaços para educação democrática, humanizada e afetiva estão ganhando mais representação”, afirma.

UM OLHAR SOBRE A FAMÍLIA

Ribeiro busca, em suas interações com a classe, despertar nos alunos uma compreensão de que eles não são a extensão dos pais ou, até mesmo, a continuação dos sonhos deles. “Como filhos, eles devem respeitar e ser gratos por tudo, o amor, afeto, carinho, família e educação, mas que, a partir dos valores que recebem, eles devem traçar, trilhar e construir sua vida na perspectiva de que eles são seres humanos”, ressalta.

Para o educador, é importante que eles entendam que, além de parte da família, são seres sociais, que agregam seus próprios sonhos, desejos, conquistas, descobertas, amores, paixões, vontades e decisões. “É preciso compreender que, em alguns momentos, deve ser ‘dado’ a esse filho o seu protagonismo”, reforça.

O trabalho desenvolvido em sala de aula nos horários reservados para projeto de vida, de maneira geral, vai incentivar tópicos como autoconhecimento, competências, habilidades e valores para despertar no público receptor da mensagem o reconhecimento de seu potencial.

Como explica o professor Ribeiro: “Para que todos entendam que, antes de serem médicos, engenheiros, professores, políticos, religiosos, designers etc., é preciso que sejamos humanos”, conclui. 🌍



Espaço *high tech* não garante a aprendizagem

Débora Garafalo:
professores não precisam
deixar o currículo de lado,
mas apresentá-lo de
maneira diferenciada



Sete perguntas para a professora Débora Garofalo

O Google Trends é uma ferramenta ligada ao maior site de pesquisas da internet do mundo. Seu objetivo é mostrar, graficamente, as palavras que estão sendo buscadas em um determinado recorte de tempo, ao redor do planeta.

Entre os meses de março e abril de 2019, o nome da professora paulista Débora Garofalo registrou um pico de busca global. Visualmente, é possível enxergar esse aumento de patamar, que chega a formar uma pirâmide. Naquele momento, pessoas estavam procurando saber sobre a hoje diretora de Inovação da MultiRio, da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

Os internautas queriam conhecer o histórico dessa docente, a primeira mulher brasileira – também sul-americana – a figurar entre as dez melhores professoras do mundo, no top 10 do Global Teacher Prize. A projeção internacional do seu nome se deu com o projeto de robótica com sucata, realizado na Escola Municipal Almirante Ary Parreiras, no bairro Cidade Leonor, periferia de São Paulo. Inspiração, tendências educacionais, desafios das redes são assuntos das respostas às sete perguntas feitas pela revista **Mundo Escolar**.

1. No começo do projeto de robótica e sucata, a senhora teve de enfrentar resistência e olhares incrédulos nas primeiras movimentações?

No primeiro momento não tive apoio da escola, nem dos professores e nem da comunidade. Isso foi uma conquista. Pelo fato de ser mulher e de ter algumas profissões “destinadas a homens”, sendo que a mulher não pode trabalhar com tecnologia, tive de enfrentar uma resistência em minha própria rede de ensino, que não acreditava que poderia ensinar robótica a partir do lixo. Foi toda uma quebra de paradigma da sociedade, para mostrar que existe outro caminho. Hoje, meu trabalho está inserido em grandes startups, que enfatizam a questão da sustentabilidade, e até mesmo tornou-se política pública no Estado de São Paulo.

2. Qual a mensagem para docentes que estão buscando implementar iniciativas próprias e ousadas em sua realidade escolar?

É entender que eles não precisam deixar o currículo de lado, mas apresentá-lo de maneira diferenciada a todo o território educativo. E introduzir tendências que são inovadoras. O primeiro passo

“NO PRIMEIRO MOMENTO NÃO TIVE APOIO DA ESCOLA, NEM DOS PROFESSORES E NEM DA COMUNIDADE. ISSO FOI UMA CONQUISTA. FOI TODA UMA QUEBRA DE PARADIGMA DA SOCIEDADE, PARA MOSTRAR QUE EXISTE OUTRO CAMINHO”

“ESSAS METODOLOGIAS SÃO ABORDAGENS QUE JÁ EXISTIAM HÁ MUITO TEMPO, MAS SEU USO NÃO ERA PRIORITÁRIO PORQUE PREDOMINAVA UMA EDUCAÇÃO EXPOSITIVA. AGORA ESTAMOS EMPREENDENDO A BUSCA POR UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL.”

é que eles se sintam pertencentes a isso e se permitam a aprender nesse processo. Porque é uma mudança de paradigma muito grande, principalmente para quem foi formado na educação tradicional, em que você era um expositor ali na frente. É uma diferença muito grande. E aí, é claro, tem uma questão de políticas públicas em incentivar que eles deem os primeiros passos.

3. Robótica e cultura maker parecem ser as palavras do momento, presentes em iniciativas diversas, principalmente, na rede privada. Acredita que esses mecanismos estão sendo utilizados com a devida finalidade para os alunos, ou apenas como marketing?

O que acredito é que, antigamente, ia a muitas feiras de tecnologia e via que ‘a tendência do momento é a cultura maker’. Hoje a gente já não vê isso. Ela engloba programação, robótica, inteligência artificial e outras tendências. O que noto é que seu uso ainda não está sendo replicado com os benefícios que tem. Quando observo o trabalho de robótica com sucata, trago latentes os resultados que tivemos: as evoluções do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), a melhora na qualidade de vida das pessoas ali, entre outros. Apenas ter um espaço *high tech* não garante que essa aprendizagem seja efetiva.

4. E para a rede pública, qual o desafio de oferecer a essas crianças e

adolescentes esse tipo de possibilidades?

A rede pública vem ganhando um grande *know-how* em relação a isso. No Estado de São Paulo (onde foi coordenadora do Centro de Inovação) há um componente específico que trabalha pilares que são essenciais, não apenas na questão do pensamento computacional, mas também na cultura digital e nas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (Tedics). Trazer a sustentabilidade alinhada à programação, robótica e cultura maker, não com o intuito de fazer esse estudante sair como um programador, mas compreender o que existe por detrás de um dado. A rede está trabalhando essas questões e resgatando o lúdico.

5. Com o grande número de opções em tecnologias, o aluno já não é consumidor de conteúdos, mas produtor. Que tipo de acompanhamento pedagógico é necessário para que isso aconteça também nos temas escolares?

Temos de trabalhar algumas habilidades e competências – uma delas é a curadoria. A escola tem papel central em como esse aluno pode ser um curador de informações. E aí é que vem a história de ser produtor de conteúdos. Temos um campo muito vasto de possibilidades para trabalhar esse tema. Mas será que essa tecnologia está com um propósito muito claro dentro da sala de aula? Um bom exemplo disso são as lousas digitais. Quando chegaram, pareciam ser um marco que iria revolucionar a educação. Mas seu uso não foi adequado dentro da sala de aula e se tornou somente uma ferramenta.

6. Como enxerga a difusão de metodologias ativas a longo prazo, na educação brasileira como um todo?

Essas metodologias são abordagens que já existiam há muito tempo, mas seu uso não era prioritário porque predominava uma educação exposi-

O TRABALHO DESENVOLVIDO PELO CENTRO DE INOVAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA PAULISTA (CIEBP)

“Pela primeira vez nós temos um centro tecnológico integrado à rede pública de ensino, que contempla sete salas, por onde o estudante vai passando e percebendo a necessidade e fazendo essas conexões”, diz.

Salas

Onde o aluno vai idealizar o seu projeto (o hub de inovação), programação, cultura maker, cultura digital, modelagem, prototipagem e estúdio.

Abrangência

“A ideia começou com uma meta pequena, em 2020; em 2022, já temos 14 unidades espalhadas pelo Estado de São Paulo, sendo uma móvel, chegando aos 3,5 milhões de estudantes”, ressalta Garofalo.

A proposta é aproximar as startups de problemas reais da educação, dores como defasagem, evasão escolar. Esses temas estão sendo pensados e saindo do hub de inovação. “Temos unidades em lugares agrícolas, como Catanduva (SP) e Ribeirão Preto (SP), onde vamos trabalhar também o agronegócio; a gente começa a trazer equidade para a educação dando oportunidades iguais a todos”, conclui.

Mais informações sobre o projeto Robótica com Sucata no [site deboragarofalo.com.br](http://site.deboragarofalo.com.br).

tiva. Agora estamos compreendendo a busca por uma educação integral. O estudante tem todo o mundo tecnológico na palma da mão, navega nas redes sociais com interatividade – esse tipo de aula não mais o atrai. Nós também, quando vamos a uma palestra, não a queremos muito expositiva, mas midiática. Tudo isso vai fazer uma ressignificação na educação – e acho isso muito positivo. É uma mudança cultural, não é algo que veremos daqui a dois anos em prática, mas que em quatro, cinco anos, se começarmos a integrar no currículo, a gente vai verificar uma transformação da educação que temos hoje.

7. Hoje a senhora é um exemplo para professores ao redor do país. Com que olhos enxerga o futuro da atividade docente?

Não me vejo muito como esse exemplo, mas estou muito envolvida nas atividades. Não tenho essa percepção. Sou otimista sobre o futuro da atividade escolar. Temos barreiras importantes para

vencer. Recentemente foi aprovada na Câmara dos Deputados a questão do *homeschooling*. Não enxergo isso com bons olhos, pois vejo que se trata de mais uma oportunidade de desigualdade social. O que temos de buscar para o futuro da atividade docente são estes benefícios: ter uma melhor valorização, não apenas salarial – que é fundamental – mas também no nível da carreira, formação continuada, políticas públicas. Não estamos em nosso cenário ideal, há desafios a serem superados, em aspectos causados pela pandemia, como evasão escolar e aprendizagem. Neste momento, para que possamos ter uma educação de qualidade com equidade, é necessário priorizar o protagonismo docente. 🌱

“QUANDO OBSERVO O TRABALHO DE ROBÓTICA COM SUCATA, TRAGO LATENTES OS RESULTADOS QUE TIVEMOS: AS EVOLUÇÕES DO ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (IDEB), A MELHORA NA QUALIDADE DE VIDA DAS PESSOAS ALI, ENTRE OUTROS”

Preparar educadores com criatividade e inovação

Parcerias que enriquecem a aprendizagem dos docentes entregam às instituições experiências diferenciadas, com bons resultados entre profissionais e estudantes

Oferecer ao educador um espaço de confiança para aplicar suas ideias, onde os eventuais erros são acolhidos e reinventados em grupo, compõe uma experiência de aprendizado.

A união dos conceitos de formação (inicial e continuada) à inovação costuma trazer bons e sólidos resultados. Exemplo disso é o programa que desenvolve professores com foco na difusão da leitura. Até o momento já formou 900 profissionais, que multiplicaram os conhecimentos para 17 mil crianças.

O projeto Pequenos Leitores tem 11 anos de existência, e já utilizou os mais de 24 mil livros doados. “Temos como meta apoiar o aprimoramento das leituras realizadas para os estudantes da educação infantil, de maneira a garantir que todas e cada uma possa ingressar nas culturas da escrita de forma significativa, por meio da literatura”, explica a co-

ordenadora pedagógica da Comunidade Educativa (Cedac), Sandra Medrano.

A organização está à frente da iniciativa, em parceria com a FTD Educação e secretarias municipais. Já são 11 cidades contempladas.

IMPACTOS DA LEITURA

Pesquisas científicas evidenciam que oferecer leitura para as crianças na primeira infância, incluindo o período de gestação, tem grandes reflexos no desenvolvimento cognitivo e emocional.

Para a coordenadora pedagógica, os bons livros de literatura para esse público, assim como ocorre com os jovens e os adultos, abrem espaços “para pensar sobre si mesmo, o outro, conhecer novos mundos reais ou imaginários, experimentar diversas emoções”, elenca.

No Pequenos Leitores, é enfatizada a importância de ler para as crianças todos os dias. “Se isso ocorrer, ao longo dos três anos – nosso foco etário



– elas terão um repertório de 600 leituras, considerando os 200 dias letivos”, exemplifica.

Mesmo que a professora leia somente a metade do período escolar, ainda assim serão 300 incursões. Dada a qualidade do acervo a ser oferecido, Medrano acredita que estarão garantidos repertório de obras clássicas e modernas; conhecimento de autoras e autores nacionais e estrangeiros; poemas, contos, fábulas, mitos, lendas, e outras formas de apresentações literárias que irão se ampliando com as que virão ao longo do seu percurso como leitora.

“Na proposta, discutimos critérios de qualidade das obras, planejamos as atividades a serem realizadas, reconceituando as práticas de leitura e formação de leitores na escola, para que os docentes compreendam o que se ensina e o que se aprende quando lemos para esse público desde muito pequenos”, avalia.

FORMAÇÃO GLOBAL

Além dos educadores, o projeto Pequenos Leitores prevê a formação, também, para equipe técnica da secretaria de educação, direção e coordenação pedagógica – o que é considerado um diferencial nesse tipo de formação. “Com cada profissional de educação, abordamos as práticas de sua função e as relações para a garantia do direito das crianças de acesso à leitura. Também, envolvemos as famílias e as outras pessoas de ensino da instituição escolar, para formar comunidades leitoras”, afirma a especialista da Cedac.

Pelo contato com a realidade de cada município, o programa possibilita a perenidade dessas ações, ao atuar lado a lado com as políticas públicas locais, revisando ou elaborando documentos oficiais como

o projeto pedagógico ou a proposta político-pedagógica das escolas no que se refere a essa formação na educação infantil.

APRENDIZAGEM INOVADORA E SUSTENTÁVEL

De acordo com números do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de 2021, publicados pelo Ministério da Educação (MEC), a região Nordeste reúne 97 das 100 maiores escolas de anos iniciais de todo o Brasil.

A cidade de Sobral, no Ceará, com 210 mil habitantes, tornou-se referência educacional em todo o país diante dos bons resultados apresentados. O município conquistou o primeiro lugar no ranking do ensino fundamental, entre todas as localidades com população maior que 50 mil pessoas. Além disso, elencou nove escolas entre essa centena de unidades de excelência.

Das medidas pedagógicas inseridas na realidade local, há espaço para a inovação na formação docente. Exemplo disso é o projeto IDEIA (sigla para as palavras Invenção, DEscoberta, Investigação e Apre-

Medrano, da Cedac: leitura tem grandes reflexos no desenvolvimento

“COM CADA PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO, ABORDAMOS AS PRÁTICAS DE SUA FUNÇÃO E AS RELAÇÕES PARA A GARANTIA DO DIREITO DAS CRIANÇAS DE ACESSO À LEITURA E, TAMBÉM, ENVOLVEMOS AS FAMÍLIAS E AS OUTRAS FUNÇÕES DE ENSINO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR, PARA FORMAR COMUNIDADES LEITORAS”

– SANDRA MEDRANO



Divulgação

LABORATÓRIOS MAKER NO APOIO À REDE

No projeto desenvolvido na cidade de Sobral (CE), o programa FabLearn tem como objetivo apoiar as instituições de ensino na integração de laboratórios maker ao currículo formal, de maneira sustentável e duradoura, apoiando a aprendizagem dos estudantes.

“Cada organização terá suas características e demandas específicas, que deverão ser consideradas quando se pensa na instalação de laboratórios e formação de seus professores”, pontua a pesquisadora Hochgreb-Haegle, do TLTL.

Os resultados de pesquisa realizada sobre a ação mostram que o professor de redesenho pedagógico é um elemento-chave no processo de inserção dos laboratórios, colaborando e apoiando os professores da escola a integrarem os recursos alinhados aos seus objetivos de ensino e aprendizagem, bem como na mudança de práticas pedagógicas.

“São o foco central do programa e passam por uma formação extensa com a equipe do TLTL, pois são os educadores responsáveis por colaborar com outros professores de sua escola e apoiá-los e incentivá-los a experimentarem novas formas de ensinar, refletindo também sobre a aprendizagem de seus alunos”, complementa.

A formação desses docentes pretende auxiliá-los a colaborar de maneira efetiva com os demais representantes de suas unidades no planejamento, aplicação e avaliação de sequências didáticas que façam uso relevante dos espaços maker.



Divulgação

dizado), iniciativa entre a secretaria de educação e o Transformative Learning Technologies Lab (TLTL), da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, desde 2017, com o objetivo de redesenhar o currículo de ciências e integração de tecnologia.

“Entendemos que um novo currículo ou a disponibilidade de tecnologias sozinhas não se sustentariam por si para garantir uma melhor aprendizagem, e foi desenhado um projeto com base na experiência do grupo e em evidências de pesquisa, com o cuidado de que fosse sustentável a longo prazo e adequado às características locais”, explica a pesquisadora sênior associada do TLTL, Cassia Fernandez.

ABORDAGEM INTEGRADORA

A parceria teve como base uma abordagem in-

tegradora para sua implementação, incluindo três elementos interconectados: um novo currículo de ciências, feito em parceria entre o TLTL e profissionais da rede; infraestrutura física (que pode incluir áreas de fabricação digital, marcenaria, eletrônica, artesanato e de ciências); e o desenvolvimento profissional para os professores das áreas relacionadas, além dos integrantes da escola de formação.

“As mudanças propostas pelo novo currículo estão sob os cuidados técnicos de um ‘professor de redesenho pedagógico’, responsável pelo desenvolvimento e integração de atividades de aprendizagem em colaboração com os demais profissionais”, explica a pesquisadora sênior, também do TLTL, Tatiana Hochgreb-Haegle.

PEQUENOS LEITORES: INSIGHTS DO PROFESSORADO

Os depoimentos a seguir foram extraídos da coletânea de artigos presente no livro digital *Pequenos leitores: Um projeto de formação de educadores para a garantia do direito à literatura desde a primeira infância* (2018).

Trata-se de feedbacks colhidos com docentes das cidades onde a proposta foi aplicada, com relação aos resultados e impactos nas crianças em contato com essa metodologia.

Reproduzimos abaixo alguns desses *insights*:

- ✓ Os professores passaram de uma situação em que viam as crianças como plateia da ação de contar história, para uma em que entendem o protagonismo das crianças na situação de ler história.
- ✓ Deixaram um contexto em que as crianças eram vistas como meros ouvintes das narrativas contadas, para um em que entendem que o importante é dar voz e vez para as crianças na situação de ler histórias.
- ✓ Os docentes passaram de um estágio em que os pequenos eram vistos como meros “manuseadores de livros”, para uma situação em que as crianças são vistas como leitores com opinião e ideias.
- ✓ Os educadores passaram de um cenário em que entendiam o livro e a leitura literária como um pretexto para o desenvolvimento de outros conteúdos, para um em que entendem a leitura literária como uma atividade em si importante e necessária desde a Educação Infantil.
- ✓ O professorado passou de um quadro em que ler para as crianças era quase uma brincadeira, para uma dinâmica em que essa ação tem muita intencionalidade relacionada aos comportamentos leitores.

A equipe de pesquisadores trouxe o conhecimento e experiências no ensino de ciências e engenharia e integração de tecnologias a aulas curriculares, desenvolveu os materiais de formação e acompanhou todo o processo de desenvolvimento e aplicação na rede.

Fernandez, do TLTL:
abordagem pedagógica
integradora e
sustentável

A secretaria de educação de Sobral se responsabilizou pela seleção de professores que partici-

“UM NOVO CURRÍCULO OU A DISPONIBILIDADE DE TECNOLOGIAS SOZINHAS NÃO SE SUSTENTARIAM PARA GARANTIR UMA MELHOR APRENDIZAGEM, E FOI DESENHADO UM PROJETO COM BASE NA EXPERIÊNCIA DO GRUPO E EM EVIDÊNCIAS DE PESQUISA, COM O CUIDADO DE QUE FOSSE SUSTENTÁVEL A LONGO PRAZO E ADEQUADO ÀS CARACTERÍSTICA LOCAIS”

– CASSIA FERNANDEZ



Divulgação



CAPACITAÇÃO PARA A SALA DE AULA

Algumas das atribuições que o projeto Primeiros Leitores propicia à atividade de ensino.

- **Realizar** a leitura literária com regularidade.
- **Qualificar** a mediação, ampliando as possibilidades de interação e construção de sentidos sobre o livro e a leitura.
- **Reconhecer** a intencionalidade da leitura para as aprendizagens das crianças como leitoras.

Em conjunto com outros pilares como secretaria de educação, diretores, coordenadores pedagógicos, ainda estão previstas, entre outras, as seguintes medidas:

Promover ações para o incentivo à leitura para a constituição de uma comunidade de leitores na escola, envolvendo equipe interna, famílias e comunidade do entorno.

Produzir e organizar a documentação oficial para garantia da manutenção e consolidação das ações de leitura literária na Educação Infantil, de acordo com as concepções de leitura, literatura, mediação e formação de leitores.

param de todas as etapas. Ao longo do processo, as responsabilidades foram sendo progressivamente compartilhadas e atribuídas às equipes municipais, a fim de que se pudesse criar as condições para que a rede assumisse a gestão e continuidade da formação e prática.

“Quanto aos laboratórios, o TLTL orientou a instalação dos dois primeiros na cidade, na primeira rodada do projeto; nas seguintes, a rede municipal passou a se encarregar do processo de aquisição de recursos e operação”, comenta Fernandez.

Entre os anos de 2017 e 2022, a formação dos docentes ficou a cargo do TLTL e, hoje, é o núcleo local que está, gradualmente, se encarregando de coordenar a formação dos novos professores de redesenho.

PROTAGONISMO

“Existem diversos desafios a serem enfrentados na educação, mas gostaria de enfatizar um aspecto que considero estratégico: a formação de educadores autônomos e protagonistas”. A afirmação vem da diretora de conteúdo da Bett Brasil - Hyve Group, Adriana Martinelli.

Na sua visão, é comum ouvir sobre a importância de formar jovens com autonomia, porém, para que isso aconteça, relata que é preciso ter exemplos de educadores que também o sejam. “Para mudar essa cultura, precisamos de uma formação que valorize, além desses pilares, o da transformação das pessoas e de suas vidas”, pontua.

Na visão da gestora educacional, os caminhos que levam à inovação, acolhimento e reinvenção na formação de educadores passa mais pela colaboração e menos pela competição entre os pares.

“Existem casos de educadores desenvolvendo projetos em conjunto, não necessariamente voltados para os estudantes, mas para o coletivo da escola, para ampliar a qualidade das relações humanas e para resolver problemas do dia a dia. São voltados para a busca de protagonismo, confiança e engajamento na profissão”, relata Martinelli.

“Isso é percebido pelos alunos e torna a escola uma organização aprendente, onde todos aprendem, não apenas os estudantes”, conclui. 🌱

Hochgreb-Haegle, do TLTL: redesenho pedagógico e laboratórios maker





Escola indígena,
Porto Seguro, Bahia

Uma educação ao alcance de todos

Os desafios e lutas para a inclusão de estudantes brasileiros, com todas as suas características e realidades específicas, nos conteúdos escolares e nas instituições de ensino

“Quando o estudante passava pelos anos finais do ensino fundamental, tinha de viajar 18km todos os dias para cursar o ensino médio na cidade – nossas escolas não ofereciam essa oportunidade.” Essa realidade é narrada pela professora Jacielma da Silva Santos. A cidade a que se refere é Orocó, Pernambuco.

Os alunos que ela comenta são moradores de cinco comunidades: Fazenda Caatinguinha, Mata São José, Remanso, Umburana e Vitorino, que reúnem 540 famílias e têm em comum o fato de serem habitadas por quilombolas - descendentes e remanescentes de grupos formados por meio de um processo histórico desde os tempos da escravidão.

Com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o país possui 5.978 localidades e 2.308 agrupamentos quilombolas. O censo que iniciou em 2022 vai contabilizar, pela primeira vez na história, números e características sociais dessas populações no Brasil.

O problema relatado na primeira linha deste artigo ficou no passado. Com o esforço de toda a comunidade local e a participação da docente Santos, hoje a Escola Quilombola Águas do Velho Chico recebe alunos desde a educação infantil até o ensino médio e, ainda, o ensino de jovens e adultos (EJA).

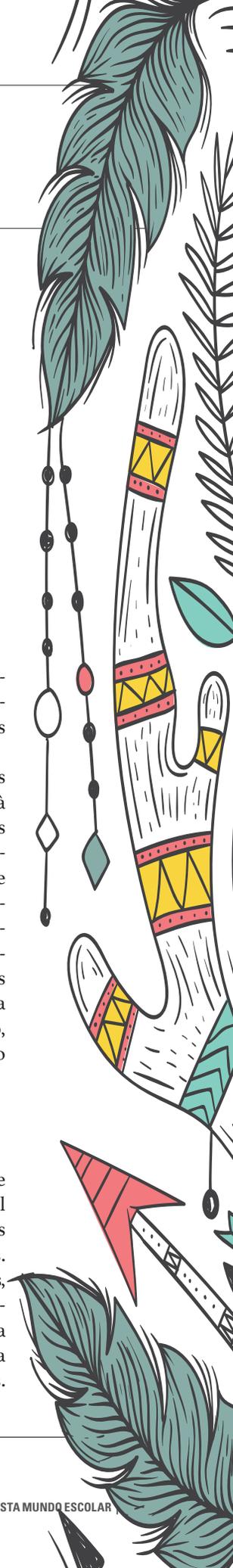
Entretanto, o fato ao lado narra o tipo de dificuldade que um grande número de brasileiros enfrenta e que denota, ainda, problemas relacionados à inclusão e diversidade no processo de ensino.

Na visão da assessora do Programa e Políticas Sociais da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, Marcele Frossard, são essas ocorrências que contribuem para o que ela chama de invisibilização dessas populações. “Além da ausência de menção dos quilombolas no artigo 227 da Constituição Federal, que estabelece como dever da família, do Estado e da sociedade a garantia do direito à vida, à saúde, à alimentação, entre outros, suas crianças não foram visibilizadas nos termos da Convenção Direitos da Criança, ratificada em 1990, nem em normativas posteriores, como o Marco Legal da Primeira Infância”, elenca.

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA INVISIBILIZADAS

Essa é a expressão que dá título a um conjunto de oito estudos promovidos pela Campanha Nacional pelo Direito à Educação e uma série de outros órgãos de defesa da criança e de diversas comunidades.

A agenda Infâncias e Adolescências Invisibilizadas, explica a assessora, tem o objetivo de ampliar, qualificar e monitorar leis e políticas educacionais, para visibilizar e incluir crianças e adolescentes em extrema vulnerabilidade e privação de direitos humanos.



Ao ficarem invisíveis, esses grupos deixam de participar de políticas públicas específicas a eles. Além dos quilombolas, há descaso semelhante com a população indígena.

“O problema para assegurar direitos está relacionado, principalmente, com o cumprimento da legislação existente para essa finalidade no Brasil. Ainda há muito desconhecimento e desentendimento com relação aos processos de escolarização e modalidades de trabalho dos povos indígenas”, ressalta.

ESTRUTURA INSUFICIENTE

Ainda sobre os povos originários, os dados do Censo Escolar 2019 apontam que o Brasil tem 3,3 mil escolas em terras indígenas.



Santos: educação respeitada em qualquer ambiente escolar

Divulgação

“ENQUANTO AS PESSOAS NOS VEREM APENAS COMO COITADINHOS, E NÃO COMO SUJEITOS DE NOSSA PRÓPRIA HISTÓRIA, VAI FICAR DIFÍCIL TER UMA EDUCAÇÃO ESPECÍFICA, RESPEITADA E VALORIZADA”

– JACIELMA DA SILVA SANTOS

Esse número englobava 253 mil matrículas em 427 municípios. Dessas instituições, 59% têm água potável, 96% têm banheiros, 57% têm energia elétrica e 66% têm esgoto. Dessas, 539 estão no norte do país.

“O que identificamos é que esse número não é suficiente e, ao longo dos últimos anos, essas populações e territórios foram negligenciados, intensificando a ausência do Estado e dificultando o acesso à escola e de uma vida digna”, comenta Frossard.

Para a assessora, a educação, além de ser um direito fundamental, é a porta de acesso a outros direitos e a falta de dados está diretamente relacionada com essa garantia, pois impede a plena realização de políticas para essas populações.

De acordo com a integrante da campanha, o atual contexto político mostra um esforço de inclusão desses grupos na composição das estruturas governamentais.

“Acreditamos que a participação indígena e quilombola deve ser imprescindível em todos os organismos e instâncias de poder que executem medidas que lhes digam respeito”, afirma.

Dentre as ações que Marcele considera fundamentais para a mudança desse cenário, destacam-se o engajamento e o compromisso real do Estado brasileiro com as juventudes e as infâncias negras rurais e indígenas. “Principalmente no que se refere à garantia de prerrogativas, como a educação escolar para essas populações”, reforça.

OPORTUNIDADES

Quatro em cada dez estudantes abandonam o ensino médio na rede pública. Por outro lado, quem faz faculdade ganha salários cerca de seis vezes mais altos. Esses são dados utilizados pelo Instituto Sol para embasar a sua proposta de inclusão educacional, que consiste na seleção de jovens alunos para bolsas em colégios particulares, com apoio até o final do ensino superior.

Para isso, a organização não governamental recolhe doações e firma parcerias com empresários para fomentar essa jornada. Em cinco anos de existência, já foram escolhidos 60 indivíduos – a meta é que sejam 100, simultaneamente.



Joyce Cury

Frossard: é preciso evitar populações invisíveis às políticas públicas

Do total de contemplados, 45% se autotransformam como pretos, pardos ou amarelos – e 66% do grupo geral são do gênero feminino.

De acordo com a diretora executiva, Camila Du Plessis, dos 110 responsáveis desses ingressantes, 25% não chegaram a completar a educação básica. E 75% dos selecionados devem ser os primeiros de suas famílias a terem acesso à faculdade. “Isso me faz crer que temos dezenas de jovens com a mesma experiência, que desperdiçamos muitos talentos em nosso país”, pontua.

Para a integração na nova realidade, esses adolescentes recebem apoio do instituto, com aulas particulares, organização dos estudos e aulas de reforço. Recebem também os recursos de acolhimento das unidades parceiras, como os colégios Santa Cruz e Bandeirantes, ambos em São Paulo (SP). No âmbito universitário, hoje são 18 participantes do projeto cursando Medicina, Engenharia, Direito, Psicologia, Economia e outros cursos em instituições como: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Insper, Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein, entre outros.

“ALÉM DA AUSÊNCIA DE MENÇÃO DOS QUILOMBOLAS NO ARTIGO 227 DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL, SUAS CRIANÇAS NÃO FORAM VISIBILIZADAS NOS TERMOS DA CONVENÇÃO DIREITOS DA CRIANÇA, RATIFICADA EM 1990, NEM EM NORMATIVAS POSTERIORES, COMO O MARCO LEGAL DA PRIMEIRA INFÂNCIA”
– MARCELE FROSSARD

BUSCA POR MELHORIAS

Quando busca na mente como foi a sua infância, Jacielma não se lembra de querer ser uma professora.

Hoje coordenadora de Apoio Pedagógico da instituição de ensino e, ainda, primeira mulher quilombola a ocupar uma vaga na câmara dos vereadores de Orocó, recorda-se de um interesse distinto nos tempos de criança.

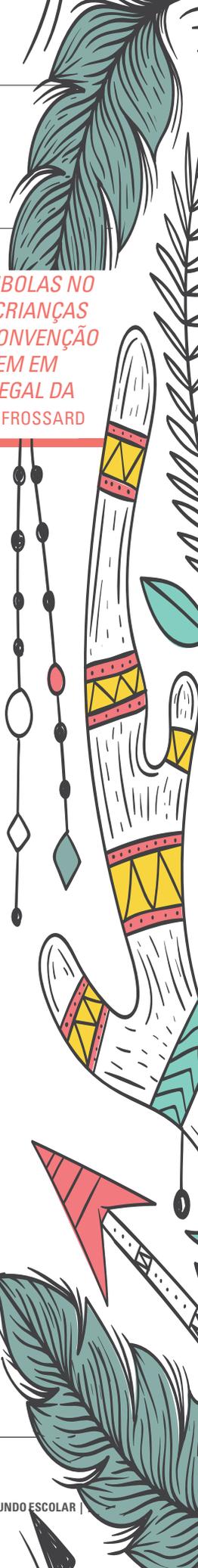
“Eu assistia muito à Xuxa e tinha o grande sonho de ser uma dançarina, ficava me imaginando lá”, conta. “Mas daí vinham as minhas colegas e riam de mim, pois diziam ‘ela é branca, você nunca vai poder ser dançarina porque é negra’”, relata.

Curiosamente, seu futuro profissional estava, literalmente, dentro de casa. Passou a infância na residência dos avós, morando com uma tia. Hoje aposentada, essa mulher foi a primeira professora do local, atendendo a alunos e turmas de toda a região. Um detalhe: essas comunidades são chamadas de coirmãs, também, pelo fato de todos os seus integrantes terem parentesco sanguíneo.

Por influência da tia, decidiu ser educadora. Vivendo a realidade local, entendeu que ali a educação devia ser aplicada de forma diferenciada. “A gente lutou para uma formação diferente, uma merenda específica e um transporte adequado para os nossos estudantes”, afirma.

TEMPOS DE LUTA

O uso do termo não é em vão. “Fomos a segunda comunidade a aprovar as diretrizes municipais para a educação quilombola, mas foi com muita batalha. Tivemos que ir para a Câmara dos Vereadores, levar ex-alunos, pais e professores para a votação”, recorda-se.





Vistas aérea e da fachada da Escola Quilombola Águas do Velho Chico, em Orocó (PE)

Divulgação



Uma vez aprovada, ainda houve uma cobrança intensa para o direcionamento de recursos para a efetiva aplicação das medidas.

Por sua atuação próxima ao tema, Santos ressalta que outras localidades também enfrentam dificuldades sobre a aplicação das propostas educacionais nas comunidades. “Uns rejeitam, outros não querem, na verdade, é uma discriminação ins-

titucional, que está enraizada em cada um desses locais, mesmo sabendo que existe a lei”, diz.

Para a coordenadora, é preciso mudar a forma como as instituições enxergam a necessidade do povo. “Enquanto as pessoas nos verem apenas como coitadinhos, e não como sujeitos de nossa própria história, vai ficar difícil ter uma educação específica, respeitada e valorizada”, ressalta.

Outro ponto que ela destaca como positivo é o fato de que pessoas dessas comunidades ocupem espaços de gestão em assuntos relacionados às suas realidades.

“Em Orocó temos, nas diretrizes municipais, que seja feito um núcleo de educação escolar com a participação de alguém que seja da luta, que entenda as necessidades e integre a comunidade – temos que parar de procurar pessoas de fora para nos representar”, reforça.

Por conta do cenário acima descrito, hoje o município, mesmo com cerca de 14 mil habitantes, mantém dois calendários escolares distintos – um padrão e o segundo, preenchido com datas e necessidades da vivência quilombola.

Hoje atuando na área do ensino, o seu sonho mudou: quer que a educação desses povos seja vista, respeitada e concretizada em qualquer ambiente escolar, seja ele quilombola ou não. 🌍

ESSE NÚMERO ENGLOBAVA 253 MIL MATRÍCULAS EM 427 MUNICÍPIOS. DESSAS INSTITUIÇÕES, 59% TÊM ÁGUA POTÁVEL, 96% TÊM BANHEIROS, 57% TÊM ENERGIA ELÉTRICA E 66% TÊM ESGOTO. DESSAS, 539 ESTÃO NO NORTE DO PAÍS

Projetos de vida

A CADA FASE DA VIDA,
PROJETOS QUE
INSPIRAM UMA TRILHA
DE PROTAGONISMO.

NOVIDADE!

Avaliação Socioemocional.

PARCERIA CAMPEÃ!

A avaliação socioemocional permite o desenvolvimento dos estudantes a partir de uma metodologia **BASEADA EM AUTORRELATO.***



SAIBA MAIS



+ Aplicado em
de **800 MIL**
estudantes**

*Avaliação socioemocional para Anos Finais e Ensino Médio.

**Fonte: Dados IAS 2023.

Instituto
**Ayrton
Senna**



OPEE
projeto de vida

FTD
educação

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

TEMA

Fraternidade e fome

LEMA

“Dai-lhes vós mesmos de comer!”

(Mt. 14:16)

A **Campanha da Fraternidade 2023** convida a imitar a misericórdia do Pai repartindo o pão com os necessitados, fortificando nosso espírito fraterno. O tema e o lema do ano têm o objetivo de despertar a solidariedade nos fiéis em relação a um problema concreto que envolve a sociedade brasileira, buscando caminhos de solução à luz do Evangelho.

Conheça as obras exclusivas para trabalhar o tema e o lema na sua escola!



UM EVENTO INESQUECÍVEL

Ensino Fundamental Anos Iniciais
Recomendado a partir do 2º ano

A panela desta história é muito especial. Além de falar, ela está empenhada em uma grande missão: matar a fome de uma porção de pessoas. E quem diria que ir parar numa sala de aula era justamente do que ela precisava para cumprir sua missão?

Temas: Alimentação, Solidariedade, Escola.



QUEM COMPARTILHA MULTIPLICA

Ensino Fundamental Anos Finais
Recomendado a partir do 6º ano

No primeiro dia de aula, uma turma se reúne para conversar sobre um problema que voltou a assolar o Brasil: a fome. Diante do cenário, os alunos querem ajudar quem necessita. Com muita empatia, eles têm uma ideia que vai reverberar pela escola toda, mostrando como é poderoso o ato de compartilhar.

Temas: Alimentação, Solidariedade, Escola.



Escritas por Fernando Carraro

Adote na sua escola! Entre em contato e saiba mais:

0800 772 2300

